

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
CURSO DE HISTÓRIA

**ECUMENISMO NO VALE DO TAQUARI: MEMÓRIA E HISTÓRIA –
1980-2000**

Inauã Weirich Ribeiro

Lajeado, dezembro de 2015

Inauã Weirich Ribeiro

**ECUMENISMO NO VALE DO TAQUARI: MEMÓRIA E HISTÓRIA –
1980-2000**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de História, do Centro Universitário Univates, como parte da exigência para a obtenção do título de licenciada em História.

Orientadora: Dra. Silvana Rossetti Faleiro
Co-orientador: Ms. Sérgio Nunes Lopes

Lajeado, dezembro de 2015

AGRADECIMENTOS

O tipo de trabalho monografia leva à ilusão de uma obra de autor único, o que, no meu caso, é impossível de ser creditado, já que complementa uma caminhada construída em conjunto com muitas pessoas.

Agradeço inicialmente à minha orientadora, Profa. Dra. Silvana Rossetti Faleiro, por todos os conselhos e base intelectual. Também agradeço ao meu coorientador, Ms. Sérgio Nunes Lopes, pela sapiência no trato da teologia.

Agradeço aos meus amados pais, que moveram mundos e fundos para a concretização deste trabalho. Aos meus irmãos, que me aguentaram durante todos estes anos, teimando nas minhas crenças de mundo melhor.

Agradeço com todo meu amor a Estevan Junges. Este me acompanhou dias e noites quando angustiada, ansiosa, algumas vezes triste e muitas vezes feliz, sempre como meu melhor conselheiro. Em conjunto a ele, agradeço à sua família, sempre pronta a auxiliar em tudo o que poderia.

Agradeço aos amigos de coração da PASUNE, em especial a quatro pessoas que fizeram parte direta nessa caminhada: Edoarda S. Scherer, Fernanda Scherer, Bruno Petter e Leonardo Brockmann.

Agradeço para a equipe de pesquisa na qual fui bolsista, coordenada pelo Prof. Dr. Rogério José Schuck. Quando precisei de apoio, o tive de forma extremamente humana. Eternos exemplos de posicionamento profissional e pessoal.

Olhar por aquilo que nos une, não tanto por aquilo que nos diferencia
(SCHNEIDER, 2015, p. 3).

No evangelho de Jo.17, consta a oração sacerdotal de Jesus Cristo, e ali nesta oração Jesus, ele orando a Deus, pede para que os seus discípulos sejam um, como ele e como pais são um (TETZNER, 2015, p. 2).

Jesus pediu lá em João XVII “que todos sejam como pai e eu somos um, para que o mundo creia que tu me enviaste” (BOHN, 2015, p. 1).

Pessoas que ensinam o mesmo Cristo tem que ser coerentes de dizer assim ‘nosso objetivo é um só’. De levar ao coração humano a mensagem e o amor de Cristo
(BECHERT, 2015, p. 2).

RESUMO

A pesquisa é uma monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de História, do Centro Universitário Univates, como parte da exigência para a obtenção do título de licenciada em História. O trabalho, com inspiração em Marc Bloch, buscou compreender o passado a partir do presente e o presente a partir do passado. A experiência com pastoral da pesquisadora levou-a a questionar a história do ecumenismo no Vale do Taquari. Percebeu-se que nada havia sido escrito sobre o assunto. O objetivo da pesquisa foi compreender a história do movimento ecumênico no Vale do Taquari, identificar lideranças e apontar as entidades ecumênicas da região. A metodologia foi qualitativa, usando a abordagem da História Oral. Os resultados encontrados mostraram que o ecumenismo no Vale do Taquari desenvolveu-se tardiamente em relação ao âmbito nacional. As ações entre padres e pastores começaram a acontecer na década de 1980, tendo seu ápice no início do século XX, e a estruturação do ecumenismo a partir do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs – CONIC –, por meio do Centro de Estudos Bíblicos e do FEVT, tenha sido uma das causas do desenvolvimento do movimento na região. Conseguiu-se apresentar o movimento ecumênico no Vale de três maneiras principais: a primeira se dá na relação de uma igreja com outra; a segunda, com o diálogo ecumênico das igrejas com a sociedade; enquanto que a terceira ocorre por meio de suas interfaces, sendo possível pontuar o diálogo inter-religioso, a Teologia da Libertação, a Pastoral Universitária Ecumênica – PASUNE – e o ensino religioso.

Palavras-chave: Ecumenismo. Vale do Taquari. História Oral.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ACF – Associação Cristã Feminina
- ACM – Associação Cristã de Moços
- AEB – Aliança Evangélica Brasileira
- AEM – Aliança Evangélica Mundial
- CBC – Comissão Brasileira de Cooperação
- CCAL – Comitê de Cooperação na América Latina
- CEB – Confederação Evangélica Brasileira
- CEBI – Centro de Estudos Bíblicos
- CECA – Centro Ecumênico de Capacitação e Assessoria
- CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação
- CEERB – Conselho Evangélico de Educação Religiosa no Brasil
- CEHILA – Comissão de Estudos da História da Igreja na América Latina
- CEI – Comissão Ecumênica Intereclesiástica
- CESE – Coordenadoria Ecumênica de Serviço
- CGE – Comissão Geral de Ecumenismo
- CICLA – Conselho de Igrejas Cristãs de Lajeado
- CLAI – Conselho Latino Americano e Igrejas
- CMI – Conselho Mundial de Igrejas
- CNIC – Conselho Nacional de Igrejas Cristãs
- CONAC – Comissão Nacional Anglicana-Católica Romana
- CONER – Conselho Nacional de Ensino Religioso

CONIC – Conselho Nacional de Igrejas Cristãs

COREDES – Conselhos de Desenvolvimento

CODEVAT – Conselho de Desenvolvimento do Vale do Taquari

CRE – Coordenadoria Regional de Educação

CVII – Concílio Vaticano II

EDI – Encontro de Dirigentes de Igrejas

EST – Escola Superior de Teologia

FE Brasil ACT – Fórum Ecumênico no Brasil membro da ACT Aliança

FEVT – Fórum Ecumênico do Vale do Taquari

FLM – Federação Luterana Mundial

FUMEC – Federação Mundial de Estudantes Cristãos

GERT – Grupo Ecumênico de Reflexão Teológica

IAB – Igreja Anglicana do Brasil

ICAR – Igreja Católica Apostólica Romana

IEAB – Igreja Episcopal Anglicana do Brasil

IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

IELB – Igreja Evangélica Luterana do Brasil

IPU – Igreja Presbiteriana Unida

IOS – Igreja Ortodoxa Siriana

ITESC – Instituto de Teologia de Santa Catarina

JEC – Juventude Estudantil Católica

JOC – Juventude Operária Católica

JUC – Juventude Universitária Católica

MEVME – Movimento de Estudantes Voluntários para Missões Estrangeiras

PASUNE – Pastoral Universitária Ecumênica

REJU – Rede Ecumênica da Juventude

REJU SUL – Rede Ecumênica da Juventude do Rio Grande do Sul

SCM – *Student Christian Movement*

SICA – Serviço Interconfessional de Aconselhamento

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 A ciência na História: A metodologia que constrói a escrita	13
1.2 Uma escrita que inicia na oralidade: os entrevistados	19
2 CONCEITOS	22
2.1 História Cultural	23
2.2 História das Religiões e Religiosidades	24
2.3 <i>Oikoumene</i> : Ecumenismo	28
2.4 História Regional	33
2.5 Memória.....	35
3 ECUMENISMO: CONTEXTUALIZAR PARA COMPREENDER	39
3.1 Sobre História da Igreja na América Latina.....	39
3.2 História do Ecumenismo: compreendendo as origens do tema	45
3.3 Brasil: história da igreja e ecumenismo	52
3.3.1 O período interprotestante (1903-1960)	52
3.3.2 A abertura do movimento ecumênico no Brasil (1960-1982)	54
3.3.3 A Criação do CONIC (1982-...)	55
4 O ECUMENISMO NO VALE DO TAQUARI	57
4.1 Diálogo igreja-igreja.....	57
4.1.1 Fórum Ecumênico do Vale do Taquari – FEVT	58
4.1.2 Encontros pessoais de padres e pastores	63
4.1.3 Celebrações ecumênicas	64
4.1.4 Diálogos bilaterais	68
4.2 Diálogo e sociedade.....	68
4.2.1 Igreja e Comunidade.....	68

4.2.2 As instituições da comunidade e lideranças	70
4.3 Interfaces do ecumenismo	74
4.3.1 Diálogo Inter-religioso	74
4.3.2 Teologia da Libertação	76
4.3.3 Através de opiniões e observações.....	77
5 CONCLUSÃO	80
REFERÊNCIAS	83
1 Livros, Artigos e Sites	83
2 Fontes orais – entrevistas transcritas	87
APÊNDICE	88

1 INTRODUÇÃO

O presente bem referenciado e definido inicia o processo fundamental do ofício do historiador: <<compreender o presente através do passado>> e, correlativamente, <<compreender o passado através do presente>>. A elaboração e a prática de um <<método prudentemente regressivo>> é um dos legados essenciais de Marc Bloch, e essa herança tem sido até hoje insuficientemente recolhida e explorada. A <<faculdade de apreensão do ser vivo [...], a qualidade do historiador>> só se adquire e só se exerce através de um <<contacto perpétuo com a actualidade>>. A história do historiador começa por se fazer <<no sentido contrário>> (LE GOFF, 1997, p. 27).

Jovens locais ocupam o espaço universitário. Os seus objetivos são as aprendizagens na academia e o diálogo. Por meio de projetos, instituições não governamentais e comunidades eclesiais, tornam-se lideranças e representações locais. A Pastoral Universitária Ecumênica – PASUNE – e a Rede Ecumênica da Juventude do Rio Grande do Sul – REJU Rio Grande do Sul – são protagonizadas por esses jovens.

A PASUNE tem como objetivo alcançar diversos ambientes e esferas sociais, discutir, analisar, refletir e propor temáticas específicas e práticas que beneficiam a comunidade. Atua principalmente no Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul. Com projetos locais, campanhas nacionais e temas de interesse das juventudes, articula, neste quefazer, instituições que apoiam a prática ecumênica (PASUNE, 2015).

Somando ações, a PASUNE integra a Rede Ecumênica da Juventude – REJU. Esta é uma rede de juventudes no Brasil e atua pela promoção dos direitos juvenis,

pelo diálogo em esferas sociais, políticas e religiosas, pela superação das intolerâncias, além de reunir jovens de diferentes locais, movimentos, religiões e entidades das cinco regiões do país (REJU, 2015).

Para atingir seus objetivos, a REJU desenvolve suas ações por meio de eixos temáticos, que atualmente são cinco: enfrentamento ao extermínio da juventude negra; juventudes, sexualidades e lutas feministas; juventudes, desenvolvimento e justiça socioambiental; juventudes e democratização das comunicações; juventudes, estado laico e superação de intolerâncias (REJU, 2015).

Os jovens, integrantes dessas entidades, articulam-se em ações bem fundamentadas. A REJU Rio Grande do Sul atua no Vale do Taquari desde 2010 (REJU, 2015), enquanto a PASUNE, desde 2011 (PASUNE, 2015). As ações foram protagonizadas por diversos jovens, entre eles a atual Facilitadora Nacional da REJU, Edoarda Sopelsa Scherer.

As lideranças são importantes porque movimentam grupos. Edoarda, por exemplo, participou como protagonista da criação da PASUNE (INDEPENDENTE, 2013) e articulou a REJU (REJU-RS, 2015) na região Sul desde a origem da rede. Além disso, é contato de variadas entidades, sejam elas regionais, estaduais, nacionais e internacionais, como é o caso da Federação Universal de Movimentos Estudantis Cristãos – FUMEC (JARAMILLO, 2015).

Esses líderes estão voltados para questões da juventude e buscam organizar debates e ações em prol da justiça social e ambiental (O INFORMATIVO DO VALE, 2012). Atuam dentro dos espaços universitários, procurando conscientização do papel social, da prática cidadã, etc (EGGERS, 2012). Outro papel que acabam tendo é a denúncia da violação dos direitos humanos (INDEPENDENTE, 2015).

Conhecer o contexto da juventude ecumênica na região deu-se pelo contato da estudante com tais entidades. Sua caminhada pessoal ao longo da graduação em História – Licenciatura no Centro Universitário UNIVATES, foi permeada pelas juventudes ecumênicas do Vale do Taquari. Sua vivência no movimento ecumênico fez com que se interessasse sobre os processos históricos que constituíram as condições de possibilidade para o seu presente.

Atualmente, as lideranças do movimento ecumênico no Vale do Taquari, sejam religiosas ou juvenis, ganharam algum suporte no seu passado. Percebendo o impacto que causam em suas comunidades, torna-se necessário conhecer como isso começou a se organizar. Quem eram as pessoas por trás do ecumenismo? Quais as entidades que atuavam na região? Como isso se configurava?

A preocupação pessoal com a escrita da história fez a acadêmica considerar, para sua constituição ontológica de pesquisadora, a necessidade de um trabalho inovador. Dentre todas as possibilidades de pesquisa em História, a escolha do assunto visou não repetir temáticas em curso. Esse cuidado se deu no olhar da diversidade de investigações que podem ser postas em decurso.

O ponto inicial do escrito, o Projeto de Pesquisa, gerou angústia. O peso ético imposto pela inventora a si mesma visou a construção de um projeto de vida. Um projeto não só de professora, mas de uma vida com possibilidades de carreira acadêmica. Posto isso, a sua ética impôs o dever com responsabilidade social e cultural. A preferência pelo teor deve considerar as relações coletivas de quem pesquisa, bem como o retorno à sociedade na qual se integra.

“Compreender o passado através do presente” (BLOCH, 1984, p. 42) ganhou impulso a partir da história pessoal da acadêmica. Regredir metodicamente no tempo, abrindo portas da memória das lideranças, tornou próximo do possível “compreender o presente através do passado” (BLOCH, 1984, p. 39). Esse ‘contato perpétuo’ com a atualidade compõe a história de uma historiadora no ‘sentido contrário’. Para além do propósito do canudo, a escrita trouxe para a aprendiz um olhar aguçado sobre a complexidade do conhecimento e dos espaços que ocupa.

1.1 A ciência na História: A metodologia que constrói a escrita

A ideia inicial do trabalho era abordar a temática do ecumenismo enquanto movimento social no Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul, tendo como recorte temporal o período das décadas de 1960, 1970 e 1980. Contudo, concomitante às saídas de campo com a realização das entrevistas e revisão bibliográfica, o período

proposto foi alterado. Portanto, o recorte temporal do trabalho incluiu os anos 1980 até o início dos anos 2000.

Os objetivos foram, então, revistos. O objetivo geral foi analisar o ecumenismo no Vale do Taquari entre as décadas de 1980, 1990 e início dos anos 2000. Os objetivos específicos foram compreender o que é ecumenismo; identificar e mapear as instituições, movimentos e lideranças locais relacionadas ao ecumenismo e as suas relações; e analisar o impacto do movimento no Vale do Taquari durante as décadas 1980, 1990 e início dos anos 2000.

O problema de pesquisa sofreu as mesmas alterações temporais. O problema da pesquisa constitui-se da seguinte forma: quais as instituições, movimentos e lideranças locais relacionadas ao ecumenismo e quais as suas ações? O que era o ecumenismo para as lideranças ecumênicas durante as décadas de 1980, 1990 e início dos anos 2000 no Vale do Taquari? Qual o impacto no Vale do Taquari durante as décadas 1980, 1990 e início dos anos 2000?

Enquanto aporte metodológico, utilizou-se Elisa Pereira Gonsalves (2007). A pesquisa é classificada como qualitativa, pois houve a preocupação com a compreensão e interpretação do objeto. Também considerou o significado que os outros dão às suas práticas (GONSALVES, 2007, p. 69). Para chegar nisso, foi utilizada a pesquisa de campo porque ela é

(...) o tipo de pesquisa que pretende buscar informações diretamente com a população pesquisada. A pesquisa de campo é aquela que exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre – ou ocorreu – e reunir um conjunto de informações a serem documentadas. Muitas pesquisas utilizam esse procedimento, sobretudo aquelas que possuem um caráter exploratório ou descritivo (GONSALVES, 2007, p. 68).

A abordagem escolhida para este trabalho é a História Oral, e por conta disso, as saídas a campo caracterizaram-se em entrevistas, cuja ação firmou o caráter exploratório da metodologia selecionada. A entrevista é uma técnica de conversação

utilizada como instrumento metodológico para investigar e obter dados ou informações (BUENO, 2002, p. 9).

A entrevista como técnica de conversação foi estudada por Cleuza M. O. Bueno (2002). Para a autora, há um processo de encontro ocasionado nessas situações, que precisou ser compreendido em âmbito subjetivo. A autora entende que os participantes da entrevista são interlocutores. Em uma relação assimétrica, o entrevistador conduz o outro de acordo com os seus objetivos, enquanto o entrevistado discorre sobre o assunto, gerando discursos.

A análise que o entrevistador faz, bem como o sentido que emprega na mesma, podem levar ao desencontro com a intenção do que foi dito pelo entrevistado (BUENO, 2002, p. 63). Isso acontece por conta da heterogeneidade que a palavra impõe. A heterogeneidade de significados da palavra pode gerar um equívoco. Porém, o equívoco pode significar, além do erro, outras possibilidades de interpretação (BUENO, 2002, p. 28).

Para a História Oral, quando a técnica da conversação entrevista é utilizada, tem por característica os testemunhos orais (BARROS, 2004, p. 132), que são transformados pelo historiador em documentos de análise, deixando a escrita mais abstrata, podendo dificultar sua compreensão. Sobre o assunto Thompson acentua:

O que evidentemente distingue a evidência da história oral procede de razões bastante diferentes. A primeira é que ela se *apresenta* sob forma oral. Como forma imediata de registro, isto tem tanto vantagens quanto desvantagens. Leva-se muito mais tempo para escutar do que para ler, e se o que foi gravado estiver que ser citado num livro ou num artigo, é preciso fazer primeiro uma transcrição. Por outro lado, a gravação é um registro muito mais fidedigno e preciso de um encontro do que um registro simplesmente escrito. Todas as palavras empregadas ali exatamente como foram faladas; e a elas se somam pistas sociais, as nuances da incerteza, do humor ou do fingimento, bem como a textura do dialeto. Ela transmite todas as qualidades distintivas da comunicação oral, em vez da escrita – sua empatia ou combatividade humana, sua natureza essencialmente tentativa, inacabada (THOMPSON, 2002, p. 146-7).

A História Oral, com esta referência a Paul Thompson, apesar de trabalhar com mais subjetividade, possui métodos adequados para o conhecer, como explicitado

pelo autor. Inicialmente, é preciso compreender que esse tipo de fonte é produzida pelo próprio historiador, e é, por consequência, um método indutivo. Sem ser um texto deixado pela história, ele é feito surgir pelas indagações que emergem através do contínuo contato com a atualidade.

A imprecisão do oral não nos deve enganar; também existem espaços dissimulados que se escondem na documentação escrita, contornando silêncios e falseamentos, revelando segredos que o próprio autor do texto não pretendia revelar, mas que escapam através da linguagem, dos modos de expressão, da súbita iluminação que se espalha pelo texto quando o confrontamos com um outro nesta prática que é hoje chamada de 'intertextualidade' (BARROS, 2004, p. 133).

A veracidade da fonte oral foi e é questionada. Entretanto, mesmo as fontes escritas não nos garantem uma verdade. Hoje sabemos que tanto uma quanto a outra nos concedem apenas maneiras de contemplar a História. Compreende-se, nessa redação, que as fontes históricas não nos revelam a verdade, mas nos fazem refletir sobre o problema que o historiador pretende dispor.

A intertextualidade possibilitada pela História Oral ganha forma com os métodos adequados aplicados à oralidade. A entrevista tem como foco as problemáticas do projeto, o que torna possível elaborar uma semiestrutura de questões ou caminho de assuntos a serem discutidos. Tal abordagem possui etapas de execução, que são quatro: elaboração do projeto, gravação, confecção do documento escrito e análise (MEIHY, 2002, p. 76).

O projeto foi realizado no ano de 2014, no semestre B. As gravações e realização das entrevistas aconteceram entre os meses de agosto e setembro de 2015. A confecção de documento escrito das entrevistas foi realizado concomitantemente, sendo finalizadas no início do mês de outubro. A análise dos documentos escritos ocorreu nos meses de outubro e novembro de 2015.

Para esta pesquisa, foram realizadas quatro entrevistas, que tiveram como base de discussão os objetivos e os problemas do projeto:

- O que é ecumenismo?
- Quais as instituições, movimentos e lideranças ecumênicas que atuaram no Vale do Taquari?
- O ecumenismo gerou impacto no Vale do Taquari?

As questões referidas iniciavam a conversa nas conversas. À medida que as informações irrompiam, novas questões ou temática apareciam para ser abordadas.

Três das entrevistas foram filmadas por uma terceira pessoa, e das filmagens foram extraídos os áudios. A primeira entrevista possui quatro áudios; a segunda, nove; e a terceira, sete. A quarta entrevista foi realizada com gravador de voz, e sendo este um aparelho específico para gravação de voz, gerou apenas um áudio.

Os documentos escritos das quatro entrevistas foram gerados de forma padronizada. A transcrição foi inspirada em Petri (1999), pois sugere uma representação da fala detalhada em símbolos, como por exemplo, o uso de parênteses quando uma palavra não foi possível de ser discernida. Todos os entrevistados assinaram Termo de Concessão de Informação, e os três entrevistados que foram filmados, assinaram Termo de Concessão de Imagem como procedimento ético.

A exploração dos dados foi realizada com o auxílio da análise textual discursiva de Roque Moraes e Maria do Carmo Galiazzi (2006; 2011), que classificam-na como uma ferramenta analítica (2006, p. 118). Para iniciar a análise, é necessário ter um *corpus* composto por produções textuais, ou seja, um conjunto de documentos (MORAES E GALIAZZI, 2011, p. 16). O conjunto de documentos a serem analisados foram as transcrições geradas a partir das entrevistas.

É necessário fazer dois movimentos opostos que se complementam no fim do trabalho: a desconstrução e a construção dos textos (MORAES; GALIAZZI; 2011). O primeiro movimento é a desconstrução, denominada pelos autores de unitarização. Sobre esse aspecto específico, enfatizam:

Unitarizar um texto é desmembrá-lo, transformando-o em unidade elementares, correspondendo a elementos discriminantes de sentidos,

significados importantes para a finalidade da pesquisa, denominadas de unidades de sentido ou de significados (MORAES; GALIAZZI; 2011, p. 49).

Em outras palavras, tal procedimento consiste em fragmentar o texto a partir dos objetivos da investigação. O recorte do texto gera unidades com significados diferentes. As unidades são criadas a partir do olhar do pesquisador, sendo seu o esforço de interpretação, e é o envolvimento com as entrevistas que faz surgir esses significados. É um processo cuidadoso, pois o investigador precisa ser o mais fiel possível às ideias dos sujeitos entrevistados.

O segundo movimento da análise textual discursiva é a construção dos textos, que é chamada de categorização (MORAES; GALIAZZI; 2011).

O processo de construção de categorias não ocorre num único movimento. A categorização dá-se por um encadeamento sequenciado de passos analíticos, possibilitando um aperfeiçoamento gradativo dos agrupamentos ou classes. Constitui um processo reiterativo dos elementos em construção, possibilitando uma construção permanente não só dos produtos da análise, mas também do processo analítico de classificação. A melhora e validação gradativa das categorias estão associadas à produção de uma compreensão cada vez mais aprofundada dos fenômenos. Depende, portanto, das aprendizagens feitas pelo pesquisador em relação ao tema que investiga (MORAES; GALIAZZI; 2011, p. 76).

No decorrer da pesquisa, as categorias foram repensadas. Visto que a revisão bibliográfica é feita a partir dos dados informados, por vezes algumas mudanças são necessárias, o que é possibilitado pelo processo de categorização. Os exames das categorias criadas geraram metatextos (MORAES; GALIAZZI; 2011, p. 89). Os metatextos possuem uma estrutura de base, com a qual se buscou descrever de forma direta a compreensão que se tem das categorias. Conforme o processo avançou, o trabalho analítico ficou mais aprofundado. Esse movimento permite criar uma estrutura de escrita que expressa os aspectos mais importantes dos discursos investigados.

1.2 Uma escrita que inicia na oralidade: os entrevistados

A escolha dos entrevistados partiu da referência como lideranças vale taquarienses, conhecidos atualmente por terem trabalhado à frente das comunidades ou instituições com viés ecumênico. Inicialmente, foram buscadas as representatividades que estavam associadas a instituições religiosas. Foi feito contato com a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), e então com a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR).

A vivência da acadêmica sobre a prática ecumênica na cidade de Estrela, no Rio Grande do Sul, levou-a inicialmente a essas duas instituições. As representações da ICAR apresentaram-se na figura do padre Pedro Nicolau Schneider, pároco da Diocese de Montenegro na Paróquia São João Batista, que atuou na cidade de Estrela com ações ecumênicas; enquanto que o segundo representante foi o bispo emérito Dom Aloísio Sinésio Bohn, residente na Diocese de Santa Cruz do Sul, por ter sido representante do ecumenismo por boa parte da sua vida.

A primeira entrevista, com padre Pedro Nicolau Schneider, ocorreu na cidade de Montenegro, na casa paroquial da Paróquia São João Batista, no dia oito de agosto de dois mil e quinze, em um sábado pela manhã. Estavam presentes a acadêmica, a operadora de câmera e o padre. A entrevista teve cerca de quarenta minutos de duração. A transcrição foi realizada pela universitária.

Padre Pedro Nicolau Schneider nasceu em Poço das Antas, na localidade de Boa Vista. Quando resolveu ser padre, aos quinze anos, ingressou no seminário em Bom Princípio. Também estudou em Gravataí e depois em Viamão. Trabalhou na formação do seminário por dezoito anos. Como padre, teve uma experiência em Portão. Depois, atuou alguns anos em Estrela. Atualmente é padre em Montenegro.

A segunda entrevista, com o bispo emérito Dom Aloísio Sinésio Bohn, aconteceu na cidade de Lajeado, na casa paroquial da Paróquia Santo Inácio de Loyola, no dia vinte e um de agosto de dois mil e quinze, em uma sexta-feira à tarde. Estavam presentes a acadêmica, a operadora de câmera e o bispo emérito. A entrevista durou cerca de uma hora.

O bispo emérito Dom Aloísio Sinésio Bohn nasceu na comunidade de Linha Bonita, no município de Montenegro. Seu pai era professor na comunidade, e Aloísio tinha nove irmãos. Ao todo, sua família era composta de sete meninos e três meninas. Todos os meninos estudaram em seminário. Porém, apenas Aloísio assumiu a vida de padre. Estudou no seminário em Gravataí, depois estudou filosofia, teologia e direito canônico na Pontifícia Universidade Gregoriana em Roma.

Quando voltou ao Brasil, atuou na cidade de Porto Alegre na igreja São Pedro. Nesse período, iniciou atividades com o movimento ecumênico e com pastorais da juventude. Trabalhou com grupos de Juventude Estudantil Católica – JEC, Juventude Operária Católica – JOC, Juventude Universitária Católica – JUC e um grupo de jovens que não tinha ligação com outras instituições. Depois, desempenhou funções no Seminário de Viamão, e em 1986 iniciou seus ofícios como bispo na Diocese de Santa Cruz do Sul. Atualmente, é bispo emérito na mesma diocese.

As representações da IECLB se apresentaram na figura do atual pastor sinodal Gilciney Tetzner, do Sínodo do Vale do Taquari, que atuou na cidade de Estrela de forma ecumênica. A segunda representação dessa instituição foi o pastor Marcos Bechert, que foi pastor sinodal no Sínodo do Vale do Taquari e pastor na cidade de Estrela, atuando também de forma ecumênica.

A terceira entrevista, com o pastor sinodal Gilciney Tetzner, foi realizada na cidade de Teutônia, no Sínodo do Vale do Taquari, no dia vinte e oito de agosto de dois mil e quinze, em uma sexta-feira à tarde. Estavam presentes a acadêmica, a operadora de câmera e o pastor sinodal. A entrevista levou cerca de quarenta e cinco minutos.

O pastor sinodal Gilciney Tetzner é pastor da IECLB há cerca de dez anos. Teve parte da sua trajetória como pastor na cidade de Estrela, no Rio Grande do Sul. Atualmente é pastor no Sínodo Vale do Taquari, que se localiza na cidade de Teutônia. Mesmo assim, sua residência continua na cidade em que iniciou sua caminhada: Estrela.

A quarta entrevista, com o pastor Marcos Bechert, passou-se na cidade de Estrela, na residência do entrevistado, no dia doze de setembro de dois mil e quinze,

em um sábado à tarde. Estavam presentes a acadêmica e o pastor. A entrevista durou cerca de cinquenta minutos. Essa foi a única entrevista não filmada, pois a operadora de câmera não pôde estar presente.

O pastor Marcos Bechert nasceu em Sinimbu, em Santa Cruz do Sul. Estudou Teologia na cidade de São Leopoldo. Iniciou seu trabalho pastoral na cidade de Três Passos. Em 1989, se transferiu para a cidade de Santa Maria, e em 1995 iniciou as atividades na cidade de Estrela. Depois, foi pastor sinodal do Sínodo Vale do Taquari, e atualmente é pastor em Porto Alegre.

Essas pessoas foram entrevistadas, e não outras, porque foram os primeiros referenciais do ecumenismo no Vale do Taquari durante a realização da pesquisa. Conforme as entrevistas aconteciam, tinha-se o intuito de realizar outras, conforme os dados apareciam. Em função do tempo e da manutenção de uma única abordagem, optou-se por manter duas lideranças da ICAR e duas lideranças da IECLB, por conta das características que se apresentaram nas entrevistas efetivadas.

2 CONCEITOS

A concepção de história para este trabalho partiu do historiador Marc Bloch (1984, p. 29): ciência dos homens no tempo. Com ele, é possível pensar a história como uma possibilidade de compreender as ações do homem de acordo com o tempo em que viveu. Associado a isso, nos faz perceber que se não conhecemos o nosso presente, quer dizer que ignoramos o nosso passado (BLOCH, 1984, p. 42). Porém, para reverter isso, é necessário que tenhamos um conhecimento mínimo do presente.

Antes de falarmos sobre a dimensão na qual trataremos o assunto, é importante ressaltar uma questão: a disciplina de História, como todos os outros campos do conhecimento, é compartimentada em muitas especialidades. Nessa parte do texto, volta-se a considerar Barros (2004).

Apesar de falarmos freqüentemente em uma “História Econômica”, em uma “História Política”, em uma “História Cultural”, e assim por diante, a verdade é que não existem fatos que sejam exclusivamente econômicos, políticos e culturais. Todas as dimensões da realidade social interagem, ou rigorosamente sequer existem como dimensões separadas. Mas o ser humano, em sua ânsia de melhor compreender o mundo, acaba sendo obrigado a proceder a recortes e a operações simplificadoras, e é neste sentido que devem ser considerados os compartimentos que foram criados pelos próprios historiadores para enquadrar os seus vários tipos de estudos históricos (BARROS, 2004, p. 15).

Essas especialidades não definem a história ou dominam o que é possível estudar. Porém, para que possamos escrever sobre o ecumenismo no Vale do Taquari, é necessário fazer opções. Espera-se que com elas se consiga manter uma escrita mais objetiva, sem esquecer que toda interpretação é subjetiva. A fim de abordar esse estudo com a História Oral, buscou-se a dimensão da História Cultural.

2.1 História Cultural

Essas especialidades da História, enquanto ciência, guiam as pesquisas desenvolvidas. Neste trabalho, compreende-se que não é possível estabelecer limites para pensar a história. É necessário compreendê-la em sua complexidade.

Por isso, lembramos que a História Cultural é uma das várias dimensões da História: “A dimensão implica em um tipo de enfoque ou em um ‘modo de ver’ (ou em algo que se pretende ver em primeiro plano na observação de uma sociedade historicamente localizada)” (BARROS, 2004, p. 20). Reafirmando, tentar-se-á mostrar um olhar sobre essa história, mas não uma totalidade dela.

A dimensão cultural ganha força no final do século XX. Ela se diferencia de uma História da Cultura, que examina estilisticamente alguns objetos culturais. Com a ampliação para a noção da História Cultural, a vida cotidiana também ganha espaço, o que antes era negligenciado (BARROS, 2004).

Essa dimensão proporciona a ligação com a concepção de História de Marc Bloch. Compreende-se aqui que “Ao existir, qualquer indivíduo já está automaticamente produzindo cultura, sem que para isto seja preciso ser um artista, um intelectual, ou um artesão” (BARROS, 2004, p. 57). Percebe-se uma pluralidade na história, a investigação histórica ganha caminhos alternativos, mas não imunes a desacertos e incongruências.

A História Cultural propiciou a este trabalho depreender discursos e representações do ecumenismo para os sujeitos investigados. A partir de suas visões de mundo, foi possível perceber outros sujeitos envolvidos nessa história. Além disso,

foi possível perceber agências que se configuram através de organizações socioculturais e religiosas.

2.2 História das Religiões e Religiosidades

Partiu-se para pensar o domínio no qual o assunto pode ser abordado. Um domínio “corresponde a uma escolha mais específica, orientada em relação a determinados sujeitos ou objetos para os quais será dirigida a atenção do historiador” (BARROS, 2004, p. 20). O domínio da História pelo qual é possível observar o ecumenismo é a História da Religião.

Jacqueline Hermann (1997), por outro lado, apresenta a história das religiões ou religiosidades como uma disciplina. Ela expõe que há objetos e metodologias próprios, pois “ao longo do século XIX e início do XX, aprofundaram as relações entre a defesa do caráter racionalista do homem ocidental e a persistências de formas de expressão ainda classificadas de religiosas” (HERMANN, 1997, p. 329). Esse caráter dual da sociedade moderna levou pensadores a debruçarem-se sobre o assunto.

A crítica à modernidade pode ser analisada a partir da concepção de ciência (LIPOVETSKY, 2004). A percepção da ciência da modernidade estaria centrada em uma ruptura com a religião, no método científico e na objetividade que ele proporciona. Essa crítica traz a reflexão sobre o que realmente acontece. Hoje, o indivíduo ao mesmo tempo em que está estudando o conhecimento produzido cientificamente, frequenta espaços para alimentar a sua espiritualidade.

Por exemplo, no século XIX, por causa do contato com o ‘outro’, cientistas buscavam sistematizar a hierarquia política e cultural das sociedades não ocidentais através dos seus estudos. No caso da religião não foi diferente, os discursos positivistas e evolucionistas criaram sistemas religiosos diferentes e heterodoxos (HERMANN, 1997, p. 330). O objetivo era progredir até que se chegasse a um estágio positivo, racional, sem religião:

Não há como questionar o fato de esse tipo de leitura atentar, basicamente, para o estágio de desenvolvimento econômico e político destas sociedades (tipos da Austrália, da Malásia, entre outras), atrelando o sentido de suas práticas religiosas à necessidade de superação de suas dificuldades materiais imediatas. Conferia-se à religião um sentido pragmático, mas sobretudo social, na medida em que possuía o papel de reestruturar a vida do grupo através de uma reaproximação ritual com o tempo místico das origens (HERMANN, 1997, p. 331).

Observa-se que tais abordagens estão em desuso. Ao fim do século XIX, a sociologia constitui-se como um novo campo de conhecimento, que se estruturava como disciplina autônoma. Nessa configuração, as religiões e religiosidades passaram a ter maior atenção.

Com Émile Durkheim, a sociologia ainda tinha sua metodologia científica tentando apreender as “leis de funcionamento das sociedades e das relações entre os diferentes grupos que as compõem” (HERMANN, 1997, p. 332). Durkheim buscava perceber o funcionamento das sociedades e as representações coletivas a partir de preceitos evolucionistas e positivistas, sendo o primeiro teórico a esboçar uma estrutura teórico-metodológica para analisar os sistemas religiosos.

Outro sociólogo buscou teorizar os sistemas religiosos: Max Weber. Com sua obra ‘Sociologia de um Estado Racional’, levou ao extremo a noção de uma sociedade ideal. Com essa obra, consolidou a relação da sociologia com a religião, buscando compreender os fenômenos religiosos. Porém, ainda manteve-se longe do que se poderia chamar de História das Religiões (HERMANN, 1997). Hermann (1997, p. 335), ao tratar da sociologia das religiões, afirma que:

(...) se o trabalho de Weber manteve uma leitura etnocêntrica, evolucionista e mesmo idealista da história das religiões, contribuiu imensamente para lançar a temática das religiões no campo das reflexões conceituais, indispensáveis para sua estruturação e sistematização como disciplina.

É possível perceber que o estudo das religiões e religiosidades é recente, mas muito vem contribuindo para avançar nessa área. Ao mesmo tempo em que a sociologia desenvolvia seus estudos, havia o que foi chamado de ‘ciência das

religiões' (HERMANN, 1997, p. 335). O objetivo dessa ciência era analisar características comuns às diversas religiões:

Diferentemente dos objetivos da "sociologia religiosa", que inseriu suas preocupações com o fenômeno religioso na busca das leis gerais do funcionamento da sociedade, a "ciência das religiões", ou a "história das religiões", passou a ter um objeto específico: a origem das religiões, de um lado, e a essência da vida e do homem religioso, do outro (HERMANN, 1997, p. 335).

Percebe-se que o estudo das religiões ganhou mais consistência durante o último século. Vários foram os representantes dessa área, sendo Mircea Eliade talvez a mais consistente. Sua pesquisa centrava-se no sagrado e no profano, e contribuiu ao dar importância para o sagrado na vida social. No período de Eliade ainda não haviam conceitos próprios da história das religiões (HERMANN, 1997, p. 336).

A sociologia religiosa (ou a história das religiões ou ainda as ciências das religiões) citadas nesse item, levaram tempo para constituir-se teórico-metodologicamente. Por determinado tempo se utilizou o método comparativo para estudar a temática. Atualmente, as investigações acontecem em vários campos temáticos, como por exemplo, a história das doutrinas, histórias eclesiais e história das crenças (HERMANN, 1997, p. 339-340-1-2-3).

A história das crenças ganhou impulso com Lucien Febvre e Marc Bloch, além da grande influência de Émile Durkheim. Aqueles autores buscavam dar ênfase ao 'homem comum', e não aos 'grandes'. Porém, muito do que foi escrito pela historiografia francesa sofreu críticas, parte disso em razão de seu caráter etnocêntrico. Mesmo assim, é importante ressaltar o papel desses historiadores que constituíram o campo da história da cultura (HERMANN, 1997, p. 342-3).

Outro autor importante a ser citado é Carlo Ginzburg, pois recusou a abordagem fenomenológica para analisar a história. Buscando outro caminho, tentou explicar de forma histórica os mitos e os rituais dentro das formações sociais em que estavam inseridos. A abordagem usada nos seus estudos insere-se dentro da história

cultural escolhida para este trabalho. Sobre as investigações de Ginzburg, diz Hermann:

Inserida no contexto da chamada história cultural, sua obra tem-se revelado particularmente inspiradora para a reflexão entre as possíveis relações da cultura popular ou folclórica e da cultura erudita ou, mais especificamente dentro de nosso tema, entre religiões e/ou vivências religiosas e poder. Nessa perspectiva, são de fundamental importância os diversos filtros sociais que recebem e reelaboram as mensagens religiosas, a partir de vivências culturais específicas e determinadas, permitindo a identificação de formas diferenciadas de entender e viver a experiência religiosa (HERMANN, 1997, p. 345).

A pesquisa de Ginzburg proporciona uma concepção mais abrangente sobre as religiões e religiosidades, direcionando-nos a uma via de interpretação cultural sobre as práticas e interpretações acerca das experiências dos sujeitos investigados. A apresentação de Jacqueline Hermann sobre a História das Religiões e Religiosidades termina abordando essa historiografia no Brasil.

Inicialmente, no Brasil, a influência positivista coordenou muitas das pesquisas, como a de Euclides da Cunha, Nina Rodrigues e Silvio Romero. Tinham influência também do darwinismo social e evolucionista. Nesse enfoque, a análise das religiões e religiosidades depreciava as informações. O campo teve uma guinada com os estudos de Gilberto Freyre, na década de 1930, sobre o Brasil Colonial (HERMANN, 1997, p. 347-8).

Outros autores que deram ênfase aos estudos das religiões e religiosidades foram Roger Bastide, Artur Ramos, Rui Facó, Maurício Vinhas de Queiroz e Maria Isaura Pereira Queiroz, de acordo com Hermann (1997). Os trabalhos desses autores eram caracteristicamente estudos sociais, muito a partir de um método comparativo (HERMANN, 1997, p. 350-1).

O trabalho pioneiro que teve uma abordagem historiográfica foi aquele de Laura de Mello e Souza, na década de 1980, influenciada pela obra de Ginzburg. Como é possível perceber, o domínio da História das Religiões e Religiosidades é novo no

Brasil, e “tem se demonstrado ser um campo fértil para continuadas reflexões teórico-metodológicas e futuras investigações” (HERMANN, 1997, p. 352).

2.3 *Oikoumene*: Ecumenismo

Antes de iniciar a apresentação do ecumenismo, é importante entendê-lo para as representações católicas e luteranas, além de conhecer a sua origem. Por isso, ele é pontuado no Capítulo 2, no qual são mostradas as concepções que permeiam a pesquisa deste trabalho.

Para tratar do conceito principal investigação, é preciso trazer a etimologia da palavra:

El término “ecumene” (ecuménico, ecumenismo) proviene del griego “oikumene”. Se trata del participio pasivo femenino del verbo “oikein” que significa “habitar”. Ecumene, entraducción literal, significa “habitada”, se sobre entiende que se trata de la “tierra”. Por tanto, “oikoumene” designa latierra habitada. Enlaraíz está a palabra “oikos” (casa). “Ecumene” tiene el mismo origen etimológico de “ecología”, “economía”, “ecosistema” y otras. Dice respecto a nuestra ‘casa’, que es el mundo, en el cual nosotros habitamos (BRAKEMEIER, 2008, p. 11).

Compreende-se, a partir do que analisou Gottfried Brakemeier na citação acima, que ecumenismo quer dizer a ‘casa comum’, ou ‘casa que habitamos em conjunto’, em outras palavras.

O primeiro objetivo era entender o que é o ecumenismo. Seria possível trazer autores que o definem e talvez fazer um debate teológico. Contudo, o trabalho busca uma abordagem da história oral, então apresentou-se o ecumenismo a partir da visão dos sujeitos investigados e também as suas palavras. Ao fim, tentou-se chegar a uma síntese do ecumenismo para as lideranças ecumênicas do Vale do Taquari aqui entrevistadas.

A fim de não dar maior ênfase a uma entrevista ou outra, buscou-se apresentá-las na ordem em que foram realizadas. O primeiro entrevistado foi o padre Pedro Nicolau Schneider, da cidade de Montenegro:

Então saber conversar com quem crê diferente. É isso sobretudo tendo presente o seguinte: é eu vou conversar com o outro, não com a intenção de fazer com que ele creia como eu creio, não é essa a intenção, mas eu tentar entender a verdade sobre Jesus Cristo, sobre aquilo que ele crê a partir da visão dele, eu quero entender como é que ele crê e ele por sua vez, ele vai querer entender como é que eu vou como católico creio. Então, a verdade, buscar a verdade e sobretudo o diálogo ecumênico, ele e o inter-religioso ele trás no fundo o seguinte: olhar por aquilo que nos une, não tanto por aquilo que nos diferencia. Num digo nem nos separe, daquilo que nos diferencia, não olhar tanto para aquilo que nos diferencia mas olhar sobretudo a partir daquilo que nos une, nos aproxima. Então o diálogo ecumênico vai nesse sentido, e a Igreja Católica sem dúvida é pioneira neste trabalho, a tal ponto que no Vaticano II mereceu todo um capítulo especial sobre isso, todo documento fala sobre isso da necessidade de nos comunicarmos, nos relacionarmos com o mundo pluralista (SCHNEIDER, entrevista oral, 2015, p. 3).

É possível perceber que a definição de ecumenismo para o padre Pedro está relacionada a sua instituição, a ICAR, ao relacioná-la com o Concílio Vaticano II. Deixa claro também a sua compreensão de ecumenismo inspirada em 'Jesus Cristo'. Além disso, explana a presença do 'outro', daquele que por sua confissão de fé, é pensado como 'diferente'. Essa diferença se apresenta por causa da instituição, sendo crente também em Jesus Cristo, mas vinculado a outra igreja. Para ele, o diálogo ecumênico acontece no contato com o outro quando afirma na fala acima: 'olha por aquilo que nos une, não tanto por aquilo que nos diferencia'.

Dom Sinésio foi o segundo entrevistado. Enquanto a conversa acontecia, a ele foi perguntado: O senhor teria uma definição pessoal de ecumenismo diferente da igreja, da instituição, ou não chega a esse ponto? Ele respondeu:

Eu acho que não tem uma definição diferente, é o diálogo. O diálogo com o diferente. Acho que ecumenismo, ele pode até ser mais difícil até dentro da própria igreja que com outros. Que quando é com outros, já se sabe, somos diferentes. Em geral todo mundo respeita, pensa diferente mas não agride, afinal às vezes dentro da mesma igreja tem agressões e tal, nem todo mundo assim. Porém, acho que é o diálogo com o diferente, vale pras ideias. Se

dialoga com uma criança, você não vai atropelar a criança, corrigir, bobona, não sei o que. O diálogo com jovens, diálogo com idosos, diálogo por exemplo com os islâmicos (BOHN, entrevista oral, 2015, p. 5).

A definição de ecumenismo para o bispo Dom Sinésio centraliza-se na concepção de diálogo que acontece com o diferente. O diferente, por sua vez, através dos seus exemplos, pode ser entendido de múltiplas maneiras. Pode ser uma diferença de geração, bem como uma diferença de religião, ou até mesmo uma diferença que paira dentro de uma única instituição, entre colegas.

A terceira entrevista foi com o pastor Gilciney:

O ecumenismo, ele pra mim, tem a sua motivação maior no Novo Testamento. No Evangelho de João, no capítulo dezessete, consta a oração sacerdotal de Jesus Cristo, e ali nesta oração Jesus, ele orando a Deus, pede para que os seus discípulos sejam um, como ele e como pais são um. Então essa é a grande motivação, não é porque simplesmente eu gosto, ou porque talvez tal religioso seja meu amigo, ou eu tenha facilidade em me relacionar com ele, em primeiro lugar a motivação para o ecumenismo, ela está em Jesus Cristo, o senhor da Igreja. O ecumenismo para mim hoje, ele não é a intenção de nós voltarmos a ser uma só igreja. Somos milhares de igrejas, e cada um, ao seu modo, procura viver, procura pregar o evangelho, e desde que essa diversidade promova Cristo como salvador do mundo, então essa diversidade vai continuar sendo muito saudável. O ecumenismo, pra mim, é essa capacidade de nós, com as nossas diferenças, do nosso jeito, segundo a nossa confessionalidade, conseguirmos construir algo em conjunto. Então, em primeiro lugar, o ecumenismo pressupõe diálogo, ele pressupõe abertura, e ele é para mim essa vontade de nós fazermos algo em conjunto. Quando o ecumenismo surgiu, a mais de 100 anos, as preocupações que as igrejas tinham, elas eram em relação não necessariamente ao testemunho da fé cristã, ou a missão de anunciar o evangelho, mas ela estava ligada a causas humanitárias: as pessoas que morriam em guerra, as pessoas que morriam por causa de catástrofes naturais, enfim, assim se dava o ecumenismo. Mais tarde, missionários eram enviados a povos não cristãos, e esses missionários, cada um estava tentando vender seu próprio peixe, como assim se diz, e então esses missionários acabavam dividindo, ao invés de trazer pessoas para a fé cristã. Com isso, ali também se iniciou um diálogo, dizendo: “olha, nós temos que dar um testemunho comum a todos os povos”. E então assim surge essa vontade de dialogar para testemunhar a fé cristã a outras pessoas e para servir ao próximo. [...] Então o ecumenismo para mim, eu acho que é essa disposição, de mesmo nós tendo diferenças, podermos celebrar juntos, podermos dialogar, podermos testemunhar o amor de Deus em conjunto, e sobretudo podermos servir ao próximo, servir ao mundo de maneira conjunta, enfim, não sendo exatamente um, ou sendo uma instituição, mas mesmo sendo de instituições diferentes, testemunharmos e servirmos ao mesmo Deus. Isso pra mim é assim, a definição de ecumenismo e também a sua finalidade (TETZNER, entrevista oral, 2015, p. 2-3).

Em sua fala, percebemos que o ecumenismo é inspirado em Jesus Cristo, a partir do Evangelho de João, do Novo Testamento. Sua definição é impulsionada pela Bíblia, relacionando-a ao diálogo, uma abertura para fazer algo em conjunto, celebrar junto e servir ao próximo. Para ele, o movimento não está somente associado à instituição, mas vai além dela.

O pastor Marcos foi o quarto entrevistado, que retomou a história do ecumenismo para poder definir a sua concepção:

Acho que vou fazer uma referência à história do movimento ecumênico pra fazer o sentido dele pra nós hoje. Como eu identifico a razão dele ser. Fazem mais de cem anos que pessoas da Europa, de sociedades missionárias iam pra novas frentes na Ásia e na África, de também diferentes confissões pra fazer missão e às vezes eles se encontravam numa mesma localidade e se defrontavam lá, brigavam entre si. Claro que o público se perdia porque as pessoas questionavam, eles diziam assim: "você que dizem que Cristo ensinou que tem que dar a outra face, como vocês que pregam esse Deus que se doa e que inclusive a gente se alimenta do corpo dele, de tanto amor, como vocês que ensinam esse mesmo Deus não se entendem?". Então, eu acho que isso era um testemunho de coerência. Pessoas que ensinam o mesmo Cristo tem que ser coerentes de dizer assim nosso objetivo é um só. De levar ao coração humano a mensagem e o amor de Cristo. E se a gente não consegue fazer esse entendimento e a gente briga entre si, isso é uma absoluta incoerência. Quer dizer, nós não podemos estar pregando o mesmo Cristo se a gente briga entre si. Então isso eu acho que é assim um fundamento. E o segundo é, ter coerência entre palavra e a ação. Tem gente que acha que o diálogo vai afastar pessoas da Igreja. Eu acho que não, porque se a gente conversa com uma outra pessoa a gente reafirma a sua identidade. Então um diálogo com uma pessoa diferente não nos torna menos, mas nos reafirma. Quando se fala sobre o diálogo ecumênico sempre lembro dum professor meu que dizia assim: "que o diálogo com uma pessoa diferente a gente não deve temer, mas o diálogo com a pessoa diferente nos complementa. Eu, por exemplo, amo tanto uma outra pessoa, que as vezes mais que a mim mesmo, e ela é tão diferente de mim que é até do outro sexo". Isto é uma brincadeira, mas isto quer dizer que um diálogo com uma pessoa diferente nos faz crescer, é um ganho que a gente tem. No início algumas pessoas achavam que queríamos nos tornar uma igreja só de novo. Isso num primeiro momento não está no nosso diálogo ecumênico, mas quer possibilitar que possamos estar juntos, de ler a bíblia, fazermos oração juntos, isso sim. Então isso é um movimento de fé e de igreja. O segundo movimento é o movimento de sociedade, uma igreja que tem responsabilidade de pregar o amor e viver o amor. Essa igreja também tem responsabilidade social na sociedade. Quer dizer, a pessoa que vai na igreja tem que fazer diferença na sua ação na sociedade onde ela vive. A igreja tem responsabilidade no sentido de fazer com que nós tenhamos um país, um lugar melhor pra viver, e isso a gente também vai fazer de forma conjunta. Aí nós não podemos ter uma proposta luterana pra organização da sociedade e outra proposta católica, mas nós temos uma proposta cristã de como a sociedade pode se organizar pra melhor atender as necessidades das pessoas, pra termos uma sociedade melhor. Concluindo: pelo que eu entendo de ecumenismo é isso, um diálogo pra nós orarmos juntos, pra lermos juntos a bíblia, mas também

pra juntos assumirmos uma responsabilidade social (BECHERT, entrevista oral, 2015, p. 2-3).

Ao iniciar abordando as missões cristãs em regiões não cristianizadas, pastor Marcos apresenta que os representantes das diversas igrejas cristãs acabavam por confundir os novos fiéis em Cristo, o ecumenismo inicialmente se apresentava como um testemunho de coerência. Acredita que isso não leva ao objetivo de juntar as igrejas em uma só, mas de dialogar com o diferente; além de crer que o indivíduo acaba por reafirmar a identidade cristã com sua igreja de origem. Entende que o ecumenismo como diálogo representa-se na leitura da Bíblia em conjunto, no orar junto como uma manifestação de fé. Uma terceira característica do ecumenismo para o pastor é aquela da responsabilidade social, na qual os fiéis em Jesus apresentam uma proposta de sociedade cristã.

Os entrevistados apresentaram algumas características em comum nas suas definições pessoais. Todos eles pensam o ecumenismo como diálogo. Esse diálogo acontece com o diferente, que é definido em três entrevistas como alguém que tem sua confissão de fé em Cristo, mas para uma instituição diferente da sua.

O bispo Dom Sinésio, por outro lado, apresenta até mesmo a concepção de que o diferente pode ser alguém pertencente a outra confissão de fé, não necessariamente cristã, ao citar o exemplo do Islamismo. Mesmo ao citar, em outros momentos, o diálogo inter-religioso, trouxe tal característica em sua definição de ecumenismo. Duas hipóteses ficam: ou ele compreende que o diálogo inter-religioso acontece em decorrência do ecumenismo, ou apenas foi um exemplo para a palavra 'diálogo', e não para a palavra 'ecumenismo'.

Em duas falas, padre P.N. Schneider e pastor G. Tetzner, mencionam o ecumenismo relacionado à instituição, posto aqui como Igreja de origem do entrevistado, parece. É possível entender que o diálogo ecumênico está associado diretamente as instituições que os interlocutores fazem parte. Contudo, há a ressalva de que isso não define suas compreensões.

No caso dos pastores da IECLB, o ecumenismo também aparece associado a outras características, sendo uma delas comum a ambos: o fazer em conjunto, em

práticas como celebrações, leituras da Bíblia, orações e ao servir ao próximo. Duas outras características aparecem na fala do Pastor Marcos. A primeira é o testemunho da coerência das instituições cristãs quando propõem ações ecumênicas nos projetos missionários, e a segunda é a responsabilidade na moção de uma sociedade cristã conjunta.

Compreende-se aqui, a partir da fala dos sujeitos da pesquisa, que o ecumenismo é o diálogo com o diferente. Aqueles que creem em Cristo, mesmo de outras igrejas, podem construir ações coletivas, propor uma sociedade cristã, ler a Bíblia, orar, celebrar e servir ao próximo de forma conjunta. Nisso, a influência do Evangelho de João que perpassa a concepção desses entrevistados, de que todos os discípulos sejam um, como ele e como pais são um.

2.4 História Regional

A abordagem da História Regional não foi o guia principal desta pesquisa. Porém, é um tipo de tratamento importante para pensarmos o ecumenismo no Vale do Taquari. Inicialmente, é preciso compreender de onde vem essa delimitação regional:

Até aproximadamente 1990, os vale-taquarienses se (re)conheciam como pertencentes à região do Alto Taquari, [...]. Havia, inclusive, duas denominações: Alto Taquari e Baixo Taquari, embora tal divisão jamais tivesse constado no mapa político-administrativo do Rio Grande do Sul. A partir da criação dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento – COREDES [1994], mais especificamente com a criação do Conselho de Desenvolvimento do Vale do Taquari – CODEVAT [um dos COREDES], a região passou a figurar no mapa do Rio Grande do Sul como Vale do Taquari (FALEIRO, 2009, p. 15).

Como podemos perceber, a delimitação é jurídico-administrativa e também recente, em razão de sua utilização a partir da década de 1990. Consequentemente, é importante perceber que a própria história dessa região pode variar suas fronteiras, podendo ir além ou mesmo não abarcando todas as suas cidades. Além do mais,

mesmo que abranja determinados municípios, é preciso compreender que apenas algumas localidades desses municípios tenham integrado o que chamamos aqui de ecumenismo no Vale do Taquari.

A delimitação da região de forma jurídico-administrativa foi abordada também por psicologistas:

Además señalábamos que, desde un plano sensible, en directa vinculación con las formas de constitución de las identidades, se podía colocar a la cuestión regional y local dentro de una concepción territorial. Aún entendiendo más flexiblemente lo territorial, como las formas – desde psicológicas hasta materiales – de articularse, relacionarse o identificarse con un lugar físico y social, se estaba pensando lo local y regional desde un punto de vista determinista en clave geográfica. Esto ocurría tanto a partir de posiciones marcadamente psicologistas como desde perspectivas más relativistas, que ponían y ponen el acento en la trama social, ressaltando las diferencias por encima de la equiparación y la homogeneidad (FERNÁNDEZ, 2007, p. 36).

Essas abordagens limitavam o entendimento sobre a constituição das identidades dentro de um espaço geográfico, mesmo que considerassem o território em uma concepção mais flexível. Contudo, para este trabalho, compreende-se que uma região não pode ser pensada unicamente por suas delimitações territoriais, nem por suas condições geográficas.

Así, tanto lo local como lo regional pasan a ser categorías flexibles que pueden hacer referencia a múltiples dimensiones espaciales (puede ser un barrio, una ciudad, una comunidad, una comarca, etc). De esto modo lo local y lo regional, en tanto categorías socialmente espacializadas, tienen importancia comprensiva, paradójicamente a partir de la conciencia de su artificialidad, el peso de los conceptos se encuentra no sólo en un espacio físico, sino que asume dentro de un tipo de investigación específica a la que llamamos historia regional y local (FERNÁNDEZ, 2007, p. 39).

Como visto com Sandra R. Fernández (2007), é preciso compreender uma região como uma categoria flexível, com múltiplas dimensões espaciais. Nesse caso, não abordamos delimitações postas, a exemplo de um bairro, e sim no sentido das interações que os grupos sociais constroem. Dessa maneira, a categoria de região

[...] se presenta como un espacio de interacción dinámica, en constante cambio y redefinición. Esto implica considerar que las fronteras o delimitaciones de la región no se corresponden necesariamente con los límites jurídico-administrativos que la historiografía más tradicional tomaba como principales referentes; y que la propia temporalidad de estos espacios, así como los ritmos de las continuidades y cambios, ameritan un tratamiento particular que no se condice mecánicamente con las cronologías admitidas para otros recortes espaciales (SIMONETTA, 2009, p. 163).

Propôs-se considerar região como um espaço de interação dinâmico, como pontuado por Leonardo Simonetta, o que não significa que os trabalhos anteriores foram desconsiderados, mas sim que buscou-se ampliar o conceito de região. A abordagem da História Regional também tem seus procedimentos teórico-metodológicos.

Esse tipo de abordagem é importante, pois toda pesquisa em história considera determinado espaço. Nesse caso, visa olhar para espaços e contextos esquecidos, buscando ampliar os objetos de estudo e considerar suas diferenças. Tal multiplicidade mostra-se nos indivíduos que nos fazem a ponte para com o social. Com esse tipo de olhar, também é possível testar teorias que impõe determinados parâmetros, cuja aplicação no particular torna-se inadequada (CAPRINI, 2010).

Aldieris Caprini (2010) nos aponta outros detalhes sobre a História Regional, defendendo que o pesquisador precisa ter identificação com a sua temática e com a região estudada. Nesse caso, acontece do pesquisador ter de localizar materiais, pois muitos podem estar sob posse de famílias ou instituições, que muitas vezes temem os resultados da pesquisa. Outra situação que o investigador encontra é ter apenas fontes orais para desenvolver sua pesquisa, sendo esse o caso desta pesquisa.

2.5 Memória

O conceito de memória é ligado à História Oral de forma espontânea. Ao entrevistar sujeitos envolvidos na temática pesquisada, as pessoas convocam lembranças. Loiva Otero Félix tratou desse assunto em sua obra. Para ela, “a memória

é um dos suportes essenciais para o encontrar-se dos sujeitos coletivos, isto é, para a definição dos laços de identidade” (FÉLIX, 1998, p. 32).

O passado, quando lembrado por meio da conversação entre pesquisador e entrevistado, é evocado, constituindo uma memória. No século V a.C., a memória era útil para os laços sociais, chegando ao ponto da sacralização, associada a um tempo mítico. Naquele tempo, a memória estava associada aos grandes, aos que eram merecedores da imortalidade. Contudo, com Platão a memória passou a ser objeto de investigação (FÉLIX, 1998).

Conforme Félix (1998), Platão iniciou um processo de substituição do poeta-cantor para a palavra do historiador que precisa resgatar a memória do passado para os vivos. A memória começou a ter uma temporalidade. Entretanto, foi no século XX que a memória passou a ser estudada pelas ciências humanas. Os principais pesquisadores da temática foram Maurice Halbwachs, Pierre Nora e Michael Pollack.

Halbwachs permite perceber que história e memória são diferentes, assim como Nora o fez. Félix afirma que “A memória liga-se à lembranças das vivências, e esta só existe quando laços afetivos criam o pertencimento ao grupo, e ainda os mantém no presente” (1998, p. 42). O pertencimento ao grupo a partir desses laços afetivos gera uma memória social, que dotada de sua subjetividade, torna as diferenças possibilitadas por meio de uma consciência de fronteiras socioculturais (FÉLIX, 1998). Félix (1998, p. 42) destaca:

Essa dimensão social da memória e da identidade explica também por que não podemos considerar identidade como um dado pronto, um produto social acabado; ao contrário, a identidade tem que ser percebida, captada e construída e em permanente transformação, isto é, enquanto *processo*. Logo, a identidade pressupõe um elo com a história passada e com a memória do grupo.

Com a explanação de Félix, percebemos que a memória está associada à construção de uma identidade, a qual pode ser captada em um processo histórico associado ao grupo integrado pelos indivíduos. Quando o historiador escreve, faz o registro histórico; ele não está fazendo algo afetivo, mas uma operação

intelectual que o torna distante do objeto pesquisado. Ele problematiza, critica e reflete sobre as memórias (FÉLIX, 1998).

Jacques Le Goff também se dedicou a estudar a memória para o campo das ciências humanas. Para ele:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 2003, p. 419).

Essa concepção perpassa uma série de campos da ciência. Contudo, sua ênfase está na memória histórica e na memória social. Estudando os resultados de pesquisa sobre memória, compreendeu que os fenômenos da memória são sistemas dinâmicos de organização. O comportamento narrativo, por exemplo, é um auto-organizador de informações que tem uma função social: comunicar. A amnésia, porém, pode determinar perturbações na identidade coletiva, pois é uma perturbação do indivíduo que perde ou tem a fala da memória coletiva (LE GOFF, 2003).

Para Jacques Le Goff, estudar a memória social é uma maneira de compreender problemas no tempo e na história. De acordo com o pesquisador, existem alguns momentos históricos nos quais os estudos da memória podem ser enquadrados. O primeiro é a memória étnica, com a qual a história das sociedades humanas sem escrita são estudadas (LE GOFF, 2003). O segundo momento de estudo da memória é da Pré-História à Antiguidade, no qual buscou perceber as nuances da passagem da oralidade para a escrita. O terceiro é da memória medieval no Ocidente, cuja função passa a ser ideológica para o cristianismo como religião. O quarto momento sobre a memória seria no período da Renascença à atualidade, no qual foi revolucionada pela imprensa e posteriormente pela imagem.

O último momento histórico posto em análise por Le Goff é a contemporaneidade para pensar a memória (LE GOFF, 2003). No século XX, a memória sofre outra revolução por conta dos meios eletrônicos, que possibilitam torná-la ilimitada. Há, contudo, uma distinção: a memória humana é maleável e a

memória eletrônica é estável, sendo a última uma espécie de extensão do humano. Conforme o humano eleva suas capacidades, sente a necessidade de exteriorizá-la.

Além da memória sofrer revoluções, a história também teve as suas. A primeira foi no âmbito documental; a segunda no âmbito conceitual, quando François Jacob descobre a memória biológica cientificamente (LE GOFF, 2003). Nas ciências humanas, filosofia e literatura surgem outras noções, como a da imagem, com Bergson (apud LE GOFF, 2003). Também trouxeram mudanças a noção da memória coletiva e mentalidade, na sociologia; bem como a etno-história, na antropologia (LE GOFF, 2003). Há ainda um tipo de arquivo totalmente novo que contribui para revolucionar a memória: os arquivos orais (LE GOFF, 2003). Le Goff (2003, p. 468) sustenta:

Goy (1978) definiu e colocou esta história oral, nascida sem dúvida nos Estados Unidos, onde, entre 1952 e 1959, grandes departamentos de *oral history* foram criados nas universidades de Columbia, Berkeley, Los Angeles, desenvolvida em seguida no Canadá, em Quebec, na Inglaterra e na França. O caso da Grã-Bretanha é exemplar. A Universidade de Essex constitui uma coleta de “histórias de vidas”, funda-se uma sociedade, a Oral History Society, criam-se numerosos boletins e revistas, como *History Workshops*, que é um dos principais resultados e uma brilhante renovação da história social e, antes de mais, da história operária, através de uma tomada de consciência do passado industrial, urbano e operário da maior parte da população. Memória coletiva operária em busca da qual colaboram sobretudo historiadores e sociólogos. Mas historiadores e antropólogos encontram-se noutros campos da memória coletiva, na África como na Europa, onde novos métodos de rememoração, como a das “histórias de vidas”, começam a frutificar (LE GOFF, 2003, p. 468).

A memória foi revolucionada no mundo contemporâneo pelos arquivos orais, principalmente. Essa nova maneira de fazer história também faz repensar a memória coletiva como um fenômeno histórico. Assim, ao mesmo tempo em que os arquivos orais são um objeto de análise do historiador, também atuam como ferramentas. “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 2003).

3 ECUMENISMO: CONTEXTUALIZAR PARA COMPREENDER

Nesse momento da escrita, é importante ressaltar que esta escrita parte de uma esfera não eclesial. Contudo, como visto na apresentação dos entrevistados, as informações recolhidas partem de líderes religiosos pertencentes a duas instituições cristãs: ICAR e IECLB. A proposta deste trabalho não é fazer um debate teológico, mas buscar compreender o ecumenismo enquanto processo histórico e cultural no Vale do Taquari.

Para tanto, é imprescindível que comecemos explicitando o contexto no qual o ecumenismo desta região pode se inserir. Inicia-se com os primórdios a nível mundial, depois verifica-se seu processo no Brasil, e então, no próximo capítulo, apura-se a relação da região de análise com o restante do mundo. Serão utilizados os estudos de Martin Norberto Dreher (2013) para compreender a história da igreja, de Elias Wolff (2002; 2005) e Antonio Gouvea Mendonça (2008) para compreender a história do ecumenismo.

3.1 Sobre História da Igreja na América Latina

A obra *História do Povo de Jesus: uma leitura latino-americana*, de Dreher (2013) será utilizada como referência para compreender a história da igreja no continente, pois foi a obra mais completa encontrada sobre a temática. A partir do que

o autor esboça, consegue-se contextualizar o assunto de forma ampla. Ressalva-se, contudo, que se sabe de haverem outras abordagens sobre a História da igreja, e que não se pode considerar a história como acabada.

O referido estudo dividiu-se em quatro partes: A Igreja no Império Romano; A Igreja no Mundo Medieval; A Crise e a Renovação da Igreja no Período da Reforma; e A Igreja Latino-Americana no Contexto Mundial. De acordo com os nossos objetivos, emprega-se apenas a quarta parte, o que possibilita compreender o contexto no qual o ecumenismo no Vale do Taquari está inserido.

O que é entendido por igreja é o primeiro ponto para iniciar a resenha dessa história. Neste trabalho, quando se fala em igreja, a ideia é uma multiplicidade. Em consequência, o ecumenismo também se aplica aqui, pois a igreja “não nasce como igreja confessional; é um desdobramento histórico” (DREHER, 2013, p. 323).

A história da igreja, quando abordada para a América Latina, é associada ao imperialismo europeu ou norte-americano. Porém, ressalva-se que o autor em questão faz uma abordagem da história da religião associada ao Estado. Contudo, na análise que será feita posteriormente, abordou-se uma história das religiões e religiosidades que não visa entender as relações da igreja com o Estado, mas sim compreender como os grupos sociais, a partir das suas confissões, expressam as suas relações ecumênicas no Vale do Taquari. Dreher (2013, p. 325) afirma que:

Hoje podemos dizer que boa parte da historiografia da igreja na América Latina é uma leitura a partir do “pobre”. Tal modelo historiográfico volta-se contra o modelo anterior, denominado de cristandade. Nesse modelo, a igreja via-se como a “sociedade perfeita”, articulada com o Estado. Aí a História da Igreja defende a articulação da igreja com o Estado e busca mostrar a conveniência dessa articulação. “Se não houver escravidão, não teremos os meios para a missão”. Daí porque setores marxistas vêem a igreja – essa é a leitura da outra face do modelo historiográfico da cristandade – como instituição contrária aos interesses do povo.

Aqui não se investe em uma história a partir do ‘pobre’, não se defende um tipo de sociedade perfeita articulada com o Estado, nem uma visão voltada para as lutas entre classes. Compreende-se que o ecumenismo e a sua possível periodização na

história da igreja dependem de muitos fatores, sejam eles políticos, culturais, econômicos ou intraeclesiais.

Existe a Comissão de Estudos da História da igreja na América Latina (CEHILA), que parte de acontecimentos políticos para a sua periodização. Seriam três épocas: a chegada de espanhóis e portugueses; o período das invasões napoleônicas; e o período posterior a 1930, por conta de mudanças político-ideológicas. Dentro dessas delimitações foram definidos pelo autor períodos de mudanças nos blocos históricos de poder (DREHER, 2013, p. 327-8-9).

A história da igreja na América Latina está assinalada nas relações da fé cristã com outras religiões. Acontecimentos como a colonização, traumas e demais situações levaram à negação da religião dos outros por parte dos cristãos. “Indígenas, negros e judeus tiveram que negar o que eram e assumir o cristianismo, ostensivamente, para poder sobreviver” (DREHER, 2013, p. 332). Havia aí o imperativo dos Estados que colonizaram as regiões.

A partir do século XVI, as culturas na América sofreram com invasões e com a evangelização por parte da Igreja, o que ocorreu no contexto da expansão europeia além-mar por portugueses e espanhóis, principalmente. Esses, por sua vez, estavam inseridos em um contexto de expansão do capitalismo emergente, que visava metais preciosos e mão de obra escrava (DREHER, 2013, p. 348).

A evangelização dos povos aconteceu em ciclos na América Latina. Esses ciclos de evangelização foram sistematizados por Martin Dreher a partir das regiões nas quais aconteceram. Um exemplo bastante conhecido é a evangelização realizada pela Companhia de Jesus, que conseguiu acompanhar a expansão marítima europeia, evangelizando principalmente as populações indígenas (DREHER, 2013, p. 375).

Outra questão a ser levantada sobre a história da igreja é a escravidão. A Igreja não teve a mesma dedicação com a evangelização dos negros como teve com os indígenas. A relação era baseada na escravidão e não na liberdade. Isso acontecia, dentre outros fatores, porque alguns sacerdotes moravam na casa do latifundiário.

Contudo, Dreher (2013) lembra que os escravos africanos, com base em suas religiões, resistiam ao processo.

Para a história da igreja, o século XIX está associado à Revolução Francesa. Com a ascensão dos Estados republicanos e sua laicização, as discussões passam entre antimodernismo e restauração:

Essa situação espelhou-se na vida das igrejas e forneceu a temática de suas preocupações. Durante o longo século XIX, igreja e Estado ficaram discutindo sobre escolas, matrimônio, moral pública, nacionalismo e ciência. É importante considerar que o nacionalismo e o secularismo não pretenderam exterminar a igreja, mas adequá-la à razão do Estado e estabelecer a razão sobre a revelação em prol do bem comum da sociedade. Os líderes da restauração enfatizaram a autoridade da igreja como garantia da tradição e da legitimidade, mas fizeram-no por razão de Estado e não permitiram à igreja que expressasse opiniões políticas. Guilherme II da Prússia não foi o único a expressar que *os pastores devem atender as almas dos crentes e praticar a caridade, mas deixar a política de lado, pois ela não lhes diz respeito* (DREHER, 2013, p. 434).

Com a interpretação de Dreher, é possível pensar na igreja que ficou, de certa forma, relegada a não discutir questões políticas e a cuidar das massas, o que afetou sua existência acelerando o processo de dissolução do seu poder. Isso estava associado ao processo histórico do absolutismo.

Com o Napoleão Bonaparte, os impérios de Portugal e Espanha foram perdendo suas colônias na América. Nesse contexto, a Companhia de Jesus foi expulsa e as ordens religiosas foram se debilitando. As terras dos jesuítas foram alvo de interesses, como por exemplo, as Missões Jesuíticas (DREHER, 2013, p. 449).

No caso do Brasil, com a vinda da Família Real, houve um processo de descolonização acelerado, com a abertura dos portos, etc. Com a série de revoltas que aconteceram no país e a busca de soldados e oficiais em países europeus, penetrou no país o protestantismo e a restauração do catolicismo:

O Brasil imperial preservou o padroado. Com isso a igreja gerou a dependência do Estado. Os bispos, poucos, jamais expressaram a unidade da igreja. Padres e bispos, aliás, eram representantes da religião do Estado,

funcionários públicos ao invés de pastores. Pode-se, porém, falar de duas correntes no seio do clero. Uma, ilustrada, era liderada pelo padre Diogo Antônio Feijó e buscava constituir uma igreja nacional, dirigida por um conselho nacional, ligado ao Estado. Propunha, ainda, a extinção do celibato e o fim das ordens religiosas. A outra corrente, liderada por Dom Antônio Seixas, bispo da Bahia, buscava a formação de um clero celibatário, ligado a Roma, e a autonomia da igreja em relação ao Estado (DREHER, 2013, p. 454).

Entretanto, mesmo com essas divisões e/ou imposições das correntes da igreja, ela era utilizada como serviço do Estado, que por sua vez, estava preocupado com questões como a nacionalidade. No caso da restauração da igreja, no Brasil o processo foi retardatário.

Enquanto isso, na América Latina, ao longo do século XIX, o padroado era controlado pelas oligarquias crioulas. A igreja era controlada pelo Estado continuamente, o que resultou na assimilação tardia das determinações do Concílio de Trento e na penetração do protestantismo.

O Estado oligarca-liberal compreendia a igreja como uma força social e política oposta aos seus interesses. A preocupação do Estado centrava-se no progresso positivista ou cientificista. A igreja, portanto, era um fator negativo dentro desse sistema. Por isso, foi utilizada como meio de controle social, concentrada na prática devocional e educativa.

A restauração católico-romana negou boa parte da sua história. Legou aos cristãos-novos, negros e indígenas como pagãos. Além disso, a ICAR lutou por posições na sociedade com o protestantismo e sofreu com falta de sacerdotes, com crise das ordens religiosas e falta de renda das paróquias e capelanias (DREHER, 2013, p. 459).

A série de independências na América Latina levou a uma série de modificações no campo religioso:

As constituições liberais proclamaram liberdade religiosa, entraram missões protestantes, principalmente norte-americanas, mas também muçulmanos, hindus, budistas e xintoístas entre os imigrantes. No meio dos imigrantes encontramos também ortodoxos, luteranos, calvinistas, valdenses,

menonitas, morávios. Em muitas regiões, o catolicismo alemão ou italiano tornou-se tão numeroso, que entrou em luta aberta com o catolicismo colonial. Em muitos países, dentro do projeto de restauração católica, ordens religiosas e congregações substituíram o antigo clero, provocando conflitos com a religião popular (DREHER, 2013, p. 461).

Ao fim do século XIX e início do século XX, percebe-se uma mudança considerável no cenário das religiões na América Latina. Ao mesmo tempo, o Estado contestava o catolicismo romano com o laicismo, levando à separação da Igreja com o Estado. Isso caracterizou a luta contra a 'barbárie', que também atingia o indígena.

As duas grandes guerras do século XX também geraram alterações nas religiões:

O fim da guerra trouxe também consigo a necessidade de uma nova regulamentação para as relações entre igreja e Estado. Na França, surgiu uma clara separação entre igreja e Estado (1905); o mesmo ocorreu na Rússia (1917). A social-democracia alemã conseguiu que a constituição de Weimer, de 1919, declarasse que não existia uma religião de Estado no país e que as igrejas deveriam ter gestão própria. Círculos protestantes conservadores protestaram, o que impediu a real separação entre igreja e Estado. As igrejas passaram a regulamentar suas questões internamente, mas continuaram a ter o *status* de corporações de direito público. Recebiam sustentação do Estado através do imposto eclesial e tinham assegurada a continuação do ensino religioso nas escolas públicas (DREHER, 2013, p. 465).

Nesse contexto, aconteceu de padres, pastores e teólogos não se oporem ou olharem criticamente para os nacionalismos (e principalmente para o nacional-socialismo) em ascensão. Podemos dizer que a Segunda Guerra Mundial fecha um período histórico também para a igreja.

Após a Segunda Guerra Mundial, a vida eclesial esteve ligada ao movimento ecumênico.

3.2 História do Ecumenismo: compreendendo as origens do tema

A história do ecumenismo acaba sendo analisada a partir das entidades e/ou instituições ecumênicas. Isso acontece porque o registro dessa história foi feito assim até agora, ou os debates sobre o assunto acabam entrando em uma esfera teológica. O objetivo é perceber processos históricos e culturais, e não uma discussão teológica. Portanto, optou-se por se apropriar da criação das entidades/instituições a fim de conseguir esboçar um processo.

O ecumenismo iniciou na busca por uma mensagem evangélica comum dos cristãos no século XIX. É compreendido que ele iniciou fora das igrejas. Leigos e leigos apegados ao espírito do diálogo e à aspiração da unidade entre cristãos organizaram associações. No ano de 1946 foi criada a Aliança Evangélica Mundial – AEM (WIKIPEDIA, 2015).

Em 1844 foi criada a Associação Cristã de Moços – ACM – na Inglaterra, e em 1854, nos Estados Unidos da América. Depois, em 1895, foi fundada a Federação Mundial de Estudantes Cristãos – FUMEC –, que levou à criação, em 1921, do Conselho Missionário Internacional (WOLFF, 2005, p. 19).

A Associação Cristã de Moços afirmou-se como uma instituição ecumênica e congregando pessoas sem distinção de raça, posição social, crença religiosa, posição política, etc. Atualmente, está presente em vários países, chegando a milhões de membros (ACM, 2015). Houve também a criação, em 1894, da Associação Cristã Feminina – ACF (MENDONÇA, 2008). ACM iniciou com característica evangélica, mas com o passar do tempo foi perdendo esse caráter (HORTAL, 1996, p. 176).

A FUMEC foi criada em 1895. No *site* da Federação da América Latina, a sigla aparece por extenso como *Federación Universal de Movimientos Estudiantiles Cristianos*. O seu surgimento, posto no *site*, é caracterizado por jovens cristãos de todas as igrejas e nações. Sua sede foi criada em Vadstena, na Suécia, e teriam participado da criação estudantes de dez países norte-americanos e europeus (FUMEC, 2015).

Antonio Mendonça apresenta ainda outra entidade de 1886: o Movimento de Estudantes Voluntários para Missões Estrangeiras – MEVME. O criador desse movimento foi o metodista norte-americano John R. Mott, que também influenciou na organização da FUMEC. É interessante notar que em 1946, Mott ganhou o Prêmio Nobel da Paz em razão dos seus esforços na cooperação de todos os cristãos em 70 anos (MENDONÇA, 2008).

Para Juan Bosch Navarro (1995), todas as entidades do século XIX representam uma primeira fase do ecumenismo. A primeira época seria de pioneiros leigos, enquanto que a segunda é a eclesiástica, que aconteceu apenas no século XX, na qual as igrejas tiveram iniciativas ecumênicas. Os protagonistas passam a representar as suas instituições dentro desse movimento (NAVARRO, 1995, p.21). Mendonça (2008) afirma:

A prática do diálogo ecumênico muito deve ao movimento de associações mundiais de jovens, ao qual se atribui o uso, pela primeira vez, da palavra “ecumênico” na acepção moderna. Ela aparece na correspondência mundial de Henri Dunant (1828-1910), quando a serviço da Associação Cristã de Moços, em Genebra. Pode-se dizer, no entanto, que o movimento missionário, seja interdenominacional, seja eclesiástico-denominacional, e o movimento leigo, estavam sob a égide da *teologia perennis*. A diferença estava nos objetivos, pois enquanto as missões buscavam a conversão pura e simples das pessoas à fé cristã protestante, as associações de jovens leigos tinham como meta a vivência prática do cristianismo e a convivência fraterna dos cristãos sem aceção confessional. Por exemplo, parece evidente a presença de católicos nesses movimentos, pelo menos nas ACM, pela proibição aos católicos de nela entrar por parte do papa Bento XV (1914-1922). Os anglo-católicos, como outro exemplo, inseriram-se no movimento ecumênico pela influência do Movimento de Estudantes Cristãos Britânicos (*Student Christian Movement — SCM*).

O movimento ecumênico culmina no século XX. Nesse sentido, o primeiro diálogo é possível de ser localizado no Congresso de Edimburgo, em 1910:

O pensamento de Mott centralizava-se na evangelização do mundo através de um labor comum de todas as igrejas, levando em conta a essência do Evangelho acima das barreiras confessionais. Isto está presente em sua ação e relatado em seus escritos: *Evangelization of the world in this generation* (1900), *Cooperation and the world mission* (1935) e *Addresses and papers of John R. Mott* (1946). De fato, a intensa preparação do Congresso, liderada

por Mott, chamava a atenção dos líderes mundiais do protestantismo para a necessidade e possibilidade de cooperação entre as igrejas na área missionária, pondo de lado as diferenças confessionais, o que por si só caracterizou o Congresso como marco do movimento ecumênico (MENDONÇA, 2008).

Pode-se notar que nesse primeiro momento, o ficou caracterizado pela presença das confissões protestantes. A ICAR, nessa época, não participava. Outra questão importante a ser ressaltada é que nesse congresso, a América Latina foi esquecida (MENDONÇA, 2008).

O pastor Marcos Bechert comentou sobre outra característica que envolvia esse evento de 1910, ao buscar conceituar ecumenismo para si:

Fazem mais de cem anos que pessoas da Europa, de sociedades missionárias iam pra novas frentes na Ásia e na África, de também diferentes confissões pra fazer missão e às vezes eles se encontravam numa mesma localidade e se defrontavam lá, brigavam entre si. Claro que o publico se perdia porque as pessoas questionavam, eles diziam assim: "você que dizem que Cristo ensinou que tem que dar a outra face, como você que pregam esse Deus que se doa e que inclusive a gente se alimenta do corpo dele, de tanto amor, como vocês que ensinam esse mesmo Deus não se entendem?". Então, eu acho que isso era um testemunho de coerência. Pessoas que ensinam o mesmo Cristo tem que ser coerentes de dizer assim nosso objetivo é um só. De levar ao coração humano a mensagem e o amor de Cristo. E se a gente não consegue fazer esse entendimento e a gente briga entre si, isso é uma absoluta incoerência. Quer dizer, nós não podemos estar pregando o mesmo Cristo se a gente briga entre si. Então isso eu acho que é assim um fundamento. E o segundo é, ter coerência entre palavra e a ação (BECHERT, entrevista oral, 2015, p. 2-3).

O que Bechert levantou como incoerente é tratado também por Mendonça (2008). Naquele momento, as instituições cristãs levavam sua mensagem religiosa por meio de missões. O autor afirma que essas mensagens missionárias tinham como característica a conversão e a doutrinação dos povos. Para ele, essas práticas acabavam sendo complementares, apenas diferenciavam-se em um sentido pedagógico.

Parte dos discursos levados a esses povos para serem missionados eram de oposição aos discursos de outros cristãos, principalmente oposição aos discursos

católicos. Buscavam convencer sobre a ‘verdade’ contra a ‘falsidade’. Contudo, essas práticas missionárias não aconteceram apenas na África e na Ásia, mas também na América Latina (MENDONÇA, 2008).

De acordo com o portal da Mackenzie, por conta da exclusão da América Latina dos problemas missionários, foi criado o Comitê de Cooperação na América Latina – CCAL –, em 1913. O CCAL organizou, em 1916, um Congresso de Ação Cristã na América Latina para dar conta do que não foi discutido em Edimburgo. O Brasil foi um dos países representados no evento (MATOS, 2015).

Da gênese dos organismos mundiais ecumênicos fizeram parte ainda outras duas conferências. Em 1925, em Estocolmo, houve a Conferência de Vida e Ação, e em 1927, em Lausanne, houve a Conferência de Fé e Ordem. Esses dois eventos são considerados o princípio do ecumenismo no Século XX (ALTMANN, 2008).

Nesse contexto, a ICAR estava fora do diálogo ecumênico. Um exemplo sobre isso pode ser a Encíclica *Mortalium Animus*, publicada na década de 20. Em 1928, o Papa Pio IX declarou nela sua posição sobre os encontros ecumênicos que vinham acontecendo entre as igrejas protestantes, mostrando-se contra a participação da ICAR nos encontros (AQUINO-JUNIOR, 2012).

O processo do diálogo ecumênico no século XX culminou com a criação do Conselho Mundial de Igrejas – CMI –, criado no ano de 1948, em Amsterdam. Esse conselho teve como lugares de incidência a ética social, a política, a espiritualidade e o Evangelho de Jesus Cristo. É importante ressaltar que o CMI surgiu em contexto do pós-Segunda Guerra Mundial, convocando as igrejas pela sua unidade. Até hoje o conselho é reunido de sete em sete anos em conferência mundial (ALTMANN, 2008).

A Igreja Católica Romana começou a se pronunciar em relação ao ecumenismo em 1959, com o documento *Ecclesia Sancta*:

A grande mudança de atitude, no entanto, viria com a convocação, em 1959, pelo Papa João XXIII, do “Concílio Vaticano II”. Já no anúncio dos objetivos do conclave sublinhava-se que se tratava de um Concílio para a renovação (aggiornamento) da Igreja e sua abertura ao ecumenismo ao mundo moderno. No ano seguinte, foi criado o Secretariado Romano para a Unidade dos Cristãos. A partir da “3ª Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas” (Nova Délhi, Índia, 1961), observadores oficiais da Santa Sé passaram a

participar do encontro mais importante do CMI; suas Assembléias Gerais. Em 1964, o Papa Paulo VI promulga o “Decreto Conciliar” sobre o ecumenismo intitulado “Unitatis Conciliar”, que ampliou notavelmente o horizonte eclesiológico da Igreja Católica (FE BRASIL, 2006, p. 15).

Percebe-se que após quase um século da realização de conferências, criação de entidades e conselhos, a ICAR passou a fazer parte desse processo oficialmente em 1964. Os dois representantes da ICAR entrevistados para este trabalho falaram sobre o evento. O padre Pedro Nicolau Schneider comenta em dois momentos da sua fala:

Mas oficialmente a Igreja Católica começou a trabalhar neste tema com o Concílio Vaticano II, a partir dali que ela oficialmente e seguidamente, hoje dificilmente sai um documento sem dar uma referência a necessidade do diálogo ecumênico. São duas coisas, uma coisa é um diálogo ecumênico e outra coisa é o diálogo inter-religioso. Não necessária, o diálogo ecumênico vamos dizer pra simplificar é o diálogo daqueles que creem em Jesus Cristo. [...] É, o Vaticano II é, vamos dizer assim, é a primeira vez que oficialmente de fato a igreja de uma forma por decreto, meio por decreto ela fala sobre, Oficializa. Na prática já tinha esta, mas ela oficializa a necessidade do mundo que está ficando cada vez mais pluralista, diferente. Então se cremos em Jesus Cristo, alguém que crê de uma forma diferente, vive de uma forma diferente a sua fé, mas não impede que a gente seja próximo que todos sejam um. É a grande frase, a grande oração pela unidade que Jesus faz que sempre aparece na Semana Santa (SCHNEIDER, entrevista oral, 2015, p. 3 e 5).

O padre Nicolau traz outro elemento em sua fala, no qual acrescenta a prática ecumênica anterior ao Concílio Vaticano II, oficializada apenas no fim do Concílio, que durou cinco anos, em 1964. Dom Sinésio Bonh também fala sobre o assunto. Ele, é interessante notar, esteve presente no evento, pois era estudante no Vaticano na época:

E esse movimento bíblico, patrístico, fazia parte também, a ideia de acabar com o conflito pra começar uma era especialmente e nas áreas missionários, as igrejas evangélicas da área missionária pregavam a paz, a união, e todos brigavam entre si [risadas]. Ficava feio, aí criou o movimento que culminou com a criação do Concílio Mundial de Igrejas na parte dos evangélicos e parte dos católicos cinquenta anos atrás houve Concílio Ecumênico Vaticano II. [...] Até chegou a fazer documento sobre o ecumenismo e foram tudo editado em latim, em latim se chamava Unitatis Redintegratio, quer dizer a “reintegração

da unidade”. Já fomos unidos, depois houve muita briga, agora tem que reintegrar porque Jesus pediu lá em João XVII “que todos sejam como o pai e eu somos um, para que o mundo cria que tu me enviaste”. Assim, a fé cristã para ter credibilidade pode ver a palavra, é importante a palavra, especialmente a palavra de Deus, porém também tem que ter fatos que demonstrem que os que seguem Jesus levam a sério a palavra dele. Não é só politicagem, aparência, então no Concílio Vaticano II, a Igreja Católica aderiu firmemente o ecumenismo. E lá o papa instituiu, o papa João XXIII, instituiu o secretariado pela unidade dos cristãos e convidou um velho padre jesuíta, o padre Bea que era professor de Sagrada Escritura do Instituto Bíblico de Roma, portanto muito adentrado as questões e ele foi morar no Colégio Pio Brasileiro em Roma onde eu era aluno (BOHN, entrevista oral, 2015, p. 1).

Nota-se que a partir desse período, a ICAR, além de se oficializar como ecumênica, criou organismos internos para tratar especificamente do assunto. Dom Sinésio ainda comenta, através do seu olhar, outros detalhes sobre o Concílio Vaticano II – CVII –, no qual envolveu-se como estudante:

Lá também começaram bispos a refletir, foram convidados observadores também, de religiões cristãs e, me lembro bem, os italianos são católicos bem tradicionais lá na Itália e dizia assim o “além Alpes” [risada]. Lá na Alemanha, na Holanda, na Bélgica, esse pessoal meio exótico aparecia assim. Então eles estranhavam isso, porém refletindo o Concílio. [...] [no Colégio Pio Brasileiro em Roma]. Lá eu conheci esse cardeal e também comecei a tomar contato a literatura ecumênica. Lá tinha uma revista chamada Unitas, pedi ao secretário cardeal Bea se eu podia ir lá no escritório ler aquelas revistas. E o cardeal Bea veio lá me saldar “mas olha jovem, que bom, a juventude é que tem que” e pode soar estranho, mas naquele tempo eu era meio jovem, eu tava em formação. E confesso a vocês que quando falo em unidade de igreja eu ainda me sinto jovem. Tanto assim fui lá, participei... [...] Eu era estudante em Roma e nós estudantes, nós vibrávamos. Que com o Concílio Vaticano, por exemplo, isto, por exemplo, com a ideia cada bispo, cada padre a sua paróquia, dono do seu campo. Aquilo o galo sou eu [risada]. Mas nós formamos uma fraternidade, os bispos também com o papa e surgiu a ideia da colegialidade episcopal, aplicado na base é comunhão, a igreja, comunhão, fiéis em cristo somos um. Por isso também a urgência do ecumenismo. Se em cristo somos um, todos batizados e se estamos inseridos em cristo, então o que que estamos brigando aí? [...] Representava uma grande esperança, a gente queria ser padre. Representava uma grande esperança, “mas vai ser muito mais bonito ser padre daqui pra frente”. Com uma igreja unida em cristo e os que estão unidos entre si, todos em cristo e também vem o diálogo inter-religioso, outras religiões, grandes religiões do mundo. O Concílio se ocupou disso também, com as grandes religiões do mundo. O Concílio se ocupou disso também, com as grandes religiões, os judeus, as igrejas orientais, dos hindus, do islã (BOHN, entrevista oral, 2015, p. 1-2).

Além da reflexão sobre o evento, Dom Sinésio nos traz duas outras noções sobre o evento: a representação de que tinha, para os estudantes de teologia na época, e também outra questão discutida no concílio, o diálogo inter-religioso, que ampliaria as relações da ICAR não apenas com igrejas cristãs, mas também com religiões não cristãs.

Outra questão discutida com Dom Sinésio foi sobre as diversas instituições ecumênicas criadas ao longo do século XX, mais propriamente a partir da segunda metade do século:

Primeiro, da parte dos evangélicos o Conselho Mundial de Igrejas Cristãs com sede em Genebra. Eu fui lá em Genebra visitar esse Conselho, consegui sair vivo e bem humorado. Trataram muito bem, evangélicos. Depois por parte da Igreja Católica o Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos em Roma, o primeiro que foi o presidente foi esse padre Bea que depois ficou cardeal, depois em frente ao papa João XXIII. Aliás esse papa colono, um pároco, muito simples lá da Itália, do norte da Itália, centro norte, ele ficou bispo, depois ficou (patriarca) de Veneza e ficou eleito Papa. Ele foi o primeiro católico a dizer: "Temos que olhar mais para aquilo que une do que aquilo que separa". E então aquilo hoje é norma. Olhar mais aquilo que une do que aquilo que separa, é claro. Que começa a ver o que separa é claro, sou mulher, sou homem, mas e daí? Então um é evangélico outro é católico, depois surgiu também, começaram a surgir os Concílios de Igrejas Cristãs. Os países tem, o Brasil tem o Concílio de Igreja, (outro dia) Concílio de Igreja do Rio Grande do Sul, hoje não acompanho, tem outro bispo que acompanha e surgiram também os diálogos chamados bilaterais: luterano-católicos; anglicano-católicos; depois, metodista-católicos. Então começaram muitos diálogos. [...] Surgiram, dificilmente há um país sem um Conselho de Igrejas. Existe a Comissão Nacional de Ecumenismo, os estados muitos tem uma Comissão de Ecumenismo (parte) da Igreja Católica. Também existe os organismos de diálogo das igrejas que não cristãs. [...] Existe a Igreja, a Federação, internacional, a Federação Mundial, etc. Criam esses organismos de cooperação e diálogo (BOHN, entrevista oral, 2015, p. 8).

Comentou também sobre o CMI anterior ao CVII, sediado em Genebra, e sobre a organização da ICAR em relação ao ecumenismo. A católica tem o Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos em Roma, criado posteriormente ao CVII. Mencionou que existe uma série de Concílios de Igrejas Cristãs em âmbito nacional e regional, e diálogos bilaterais por parte da ICAR: luterano-católicos; anglicano-católicos; metodistas-católicos; etc.

A partir da década de 1970, na América Latina, surgem outros organismos ecumênicos. Em 1978, o Conselho Latino-Americano de Igrejas – CLAI –, na cidade de Oaxtepec, de acordo com a Secretaria Regional do Brasil (CLAIBRASIL, 2015). De acordo com Dias (2014, p. 141), contudo, este conselho foi criado no ano de 1982, em Huampaní, em Lima, no Peru. Na época recebeu a filiação e cerca de 150 igrejas e organismos ecumênicos, e é ainda o mais importante órgão ecumênico da América Latina (DIAS, 2014).

3.3 Brasil: história da igreja e ecumenismo

Para conhecermos a história do movimento ecumênico no Brasil, utilizou-se como guia a obra de Elias Wolff (2002). É importante ressaltar que seu estudo foi feito com base nas igrejas participantes do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs – CONIC. Para o autor, foram três fases dessa história: interprotestante (1903-1960); com a participação de católicos e anglicanos (1960-1982); e o período do CONIC (1982-...).

3.3.1 O período interprotestante (1903-1960)

Esse período é caracterizado pelo surgimento de três instituições que o dividem em momentos diferentes, sendo marcado pela “acentuação da herança comum (como a orientação dos reformadores e a ênfase na conversão pessoal), a unificação dos projetos de evangelização e a oposição ao catolicismo romano” (WOLFF, 2002, p. 77).

A primeira instituição ecumênica é a Aliança Evangélica Brasileira – AEB, fundada na cidade de São Paulo, em 1903. A Aliança teve influência metodista norte-americana, que visava criar uma unidade doutrinária dos cristãos evangélicos. Contudo, não eram todas as igrejas evangélicas que participaram da associação (WOLFF, 2002).

A AEB possuía uma ‘consciência universal’ voltada para os evangélicos. Suas ações eram caracterizadas pela cooperação missionária, pela comunhão doutrinal e a divergência com a ICAR. Criaram a Associação das Escolas Dominicais (1911), publicavam periódicos de lições comunais e produziram programas educacionais (1912). Em 1918, a Aliança passou a ser o Conselho Evangélico de Educação Religiosa no Brasil – CEERB – (WOLFF, 2002).

A Comissão Brasileira de Cooperação – CBC – foi a segunda instituição ecumênica no Brasil nesse período. Recebeu influência do movimento ecumênico latino-americano, sendo idealizada em um congresso no ano de 1916 no Panamá. Os objetivos da Comissão eram:

a) a criação de uma comissão de cooperação para supervisionar os assuntos ecumênicos, estudar as condições e necessidades da cooperação, convocar e separar os congressos de discussão sobre objetivos e métodos da cooperação ecumênica; b) o trabalho educativo, visando a administração conjunta de um seminário teológico ou uma escola civil; c) a divisão do território, possibilitando a abrangência de todo o país, “sem interferências indébitas”; d) o Plano de Lavras, no Estado de Minas Gerais, da “missão Leste do Brasil”, que propunha a unificação de um plano educacional para as missões da região, visando a construção de uma universidade evangélica (WOLFF, 2002, p. 81).

A CBC foi constituída dois anos depois, em 1920, no Rio de Janeiro, em uma conferência. Foi a primeira instituição a propor, de fato, uma unidade entre as igrejas cristãs evangélicas. Suas ações, contudo, não prorrogaram grandes sucessos. Nesse período, as igrejas estavam iniciando as missões no Brasil e a CBC representou uma intensificação nas relações intereclesiais (WOLFF, 2002).

A terceira instituição criada foi a Confederação Evangélica Brasileira – CEB –, na década de 1930. Diferentemente das outras duas, não era anti-católica e acabou se tornando o principal organismo ecumênico do país nesse primeiro período. As principais atividades da CEB eram a atuação dos Conselhos, o objetivo missionário e a perspectiva social. Na década de 1980, foi rearticulada por deputados pentecostais que abandonaram a inspiração ecumênica, tornando-a antiecumênica (WOLFF, 2002).

Podemos afirmar que o primeiro período do ecumenismo no Brasil foi caracterizado pela ação de igrejas protestantes que iniciavam suas dinâmicas missionárias no país, inspiradas no movimento ecumênico americano. Contudo, não conseguiram atingir todos os objetivos propostos com as instituições que foram criadas.

3.3.2 A abertura do movimento ecumênico no Brasil (1960-1982)

O segundo período do movimento ecumênico no Brasil foi caracterizado por mudanças, sendo a principal a abertura do diálogo de igrejas como anglicanas, católicas e luteranas entre si. Outra característica é a superação das fronteiras do protestantismo missionário e o início do diálogo teológico entre as instituições (WOLFF, 2002, p. 89).

A Igreja Metodista esteve presente no movimento ecumênico no Brasil desde o início. Criou uma estrutura de diálogo com a Comissão Ecumênica Intereclesiástica – CEI – e na década de 1960 o transformou em Comissão Geral de Ecumenismo – CGE. Com o CVII, aproximou-se da ICAR e fortaleceu as relações existentes. A nível nacional, participou de diversos organismos ecumênicos, apesar dos grupos carismáticos e conservadores dentro da sua instituição (WOLFF, 2002, ps. 90-1-2-3).

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil iniciou sua história no Brasil com a imigração alemã, não sendo considerada, portanto, uma igreja de missão. Algumas das suas reuniões eram realizadas desde o início com a presença de metodistas, até que em 1954, tornou-se IECLB. Nesse período, era a igreja com maior expressão ecumênica do país. Participou de uma série de organismos a nível nacional e mundial, como a Federação Luterana Mundial – FLM (1949); Conselho Mundial de Igrejas – CMI (1950); Comissão Nacional Bilateral Católico-Luterana (1974); Encontros de Dirigentes de Igrejas – EDI (1975); Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC); e Comissão Nacional Anglicana-Luterana (WOLFF, 2002, ps. 94-5-6).

A Igreja Episcopal Anglicana do Brasil – IEAB – foi a primeira igreja não protestante no movimento ecumênico brasileiro. Reconheceu a unidade dos cristãos por meio de um manifesto ecumênico proferido na década de 1960. Se separou da igreja-mãe quatro anos depois. No ano de 1966, criou a Comissão de Ecumenismo, a partir da qual também realizou encontros de estudos. No mesmo ano, iniciou no CMI, e em 1982, entrou no CLAI. Foi membro-fundador do Serviço Interconfessional de Aconselhamento – SICA (1969) – e da Coordenadoria Ecumênica Serviço – CESE (1973). Além de participar do CONIC, possui dois diálogos bilaterais: Comissão Nacional Anglicana-Católica Romana – CONAC – e a Comissão Anglicana/IECLB (WOLFF, 2002, ps. 96-7-8).

Durante a década de 1950, luteranos, presbiterianos, metodistas, católicos e episcopais iniciaram encontros de estudos teológicos na região Sul do país. O Grupo Ecumênico de Reflexão Teológica – GERT – abriu espaço para relações formais entre as igrejas e também para a participação da ICAR, realizando diálogos teológicos para a aproximação doutrinal e a prática pastoral voltada para a ‘libertação’. Esse foi o primeiro momento da participação da Católica quando aconteceu o primeiro encontro, em 1957, na cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul.

3.3.3 A Criação do CONIC (1982-...)

A consolidação do movimento ecumênico no Brasil aconteceu com a criação do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs – CONIC –, em 1982. A partir desse período, passou-se a definir a metodologia e estrutura do movimento. Essa estrutura é vinculada a três modelos de atuação: o diálogo teológico e pastoral, o diálogo igreja-igreja e o diálogo igrejas-sociedade (WOLFF, 2002, p. 128).

Inicialmente, o grupo era Conselho Nacional de Igrejas Cristãs – CNIC –, que existiu entre os anos de 1978 e 1982. Tal período foi importante para a realização de debates envolvendo conceitos, objetivos, membros, número de representantes, etc. A fundação do conselho aconteceu na cidade de Porto Alegre, com a aprovação do regimento interno pela Assembleia Constituinte (WOLFF, 2002, p. 129).



Imagem: Organograma do CONIC.

Fonte: WOLFF, 2002, p. 134.

Com a tabela acima, pode-se conhecer a estrutura de funcionamento do CONIC no início do século XXI. De acordo com o *site* do conselho, atualmente existem apenas duas comissões: Comissão Teológica e Comissão Jurídica (CONIC, 2015). Além dessas comissões, existe a realização de seminários, sendo eles: intereclesial, com as religiões e com a sociedade (WOLFF, 2002, ps. 134-5).

Como ações de fortalecimento da instituição, foram tomadas algumas decisões. A Secretaria Executiva foi transferida para o centro do país, em Brasília. Como objetivo principal, tenta aproximar as discussões teológicas com a sociedade, em busca da unidade dos cristãos. Nesse período, pode-se destacar a participação de outras duas igrejas: a Igreja Presbiteriana Unida – IPU – e a Igreja Ortodoxa Siriana – IOS (WOLFF, 2002, ps. 143, 144, 147).

4 O ECUMENISMO NO VALE DO TAQUARI

Os capítulos anteriores serviram para contextualizar a pesquisa e a temática deste trabalho. Os dados obtidos na pesquisa corresponderam ao período da história da igreja pós-Segunda Guerra Mundial, definido na obra de Martin Dreher. Com a obra de Elias Wolff, as informações coletadas equivalem ao período da história do ecumenismo posterior à criação do CONIC, a partir do ano de 1982.

Visando compreender a história do ecumenismo no Vale do Taquari, foram analisadas três grandes categorias. A primeira investigou a relação entre as igrejas a partir dos encontros entre padres e pastores em estudos, encontros pessoais ou celebrações. O segundo grupo de informações abordou as relações em âmbito social, considerando o diálogo das igrejas com as comunidades, as comunidades entre si e o diálogo das lideranças religiosas na criação de instituições. A terceira categoria averiguou temas transversais como o diálogo com outras confissões de fé, orientações teológicas e opiniões.

4.1 Diálogo igreja-igreja

A primeira categoria apresentou os dados que se referem ao diálogo entre as igrejas. O Fórum Ecumênico do Vale do Taquari – FEVT – é caracterizado por estudo e planejamento de ações. Há a relação pessoal entre padres e pastores e a realização de celebrações ecumênicas. A última maneira de diálogo entre igrejas é o bilateral.

4.1.1 Fórum Ecumênico do Vale do Taquari – FEVT

Em três das quatro entrevistas foi citado o Fórum Ecumênico do Vale do Taquari – FEVT –, no qual os padres e pastores da região se encontram para estudar e planejar ações ecumênicas. Padre Pedro Nicolau disse: “[...] tem [...] sempre Fórum Ecumênico onde os padres e pastores se reúnem. Então sempre estava junto meio à frente destes encontros na reunião dos padres e pastores no Vale do Taquari” (SCHNEIDER, entrevista oral, 2015, p. 2).

O entrevistado apresentou ainda uma outra característica do fórum: seu caráter itinerante. “Esses encontros de padres e pastores que acontecem normalmente quatro vezes por ano, eles acontecem em paróquias diferentes. Uma hora numa comunidade católica outra vez numa comunidade luterana. É itinerante, caminha” (SCHNEIDER, entrevista oral, 2015, p. 4). Em sua fala, é possível perceber duas igrejas que recebem as reuniões: a ICAR e a IECLB.

A periodicidade dos encontros foi abrangida na conversa, sendo delimitada em quatro encontros ao ano. “Nós temos lá no Vale do Taquari, continua, quatro vezes por ano. Na época era assim, agora não sei, mas deve continuar” (SCHNEIDER, entrevista oral, 2015, p. 6). A dúvida posta na fala do padre provavelmente pode ser respondida com uma indicação na fala do pastor Marcos: “Acho que hoje continua a ser uma vez por semestre” (BECHERT, entrevista oral, 2015, p. 2).

Schneider comentou sobre um último fórum no qual participou no mês de maio de 2015, na cidade de Teutônia. O encontro recebeu a presença de um pastor de outra região do Estado:

[...] inclusive o agora em maio nós tivemos um encontro de todos os padres da nossa diocese com os pastores, foi lá em Teutônia, lá com o padre Eduardo Schuster. Então veio nos falar o pastor é... como é que é, aqui de Estância Velha, o Valmir, pastor Valmir, sobre esta caminhada ecumênica também (SCHNEIDER, entrevista oral, 2015, p. 6).

O padre Pedro Nicolau presenciou esses encontros desde o início do século XXI, embora sua experiência não possa delimitar desde quando as reuniões acontecem na região. Contudo, com a fala do pastor Marcos Bechert, é possível perceber a realização dos encontros na década de 1990:

Mas dentro do Vale do Taquari o movimento já era anterior. Tinha os diálogos de padre e pastores de estudos bíblicos que eram dois por semestre. Uma vez um dia inteiro e outro de meio dia só que culminava com almoço. Isso, inclusive com padres determinados e com pastores que também tinham a tarefa de coordenadores de um ano para outro (BECHERT, entrevista oral, 2015, p. 2).

Na fala acima é apresentada uma sistematização da congregação. As reuniões, quando pastor Marcos as frequentava, tinham a duração de dois dias. O primeiro durava o dia inteiro, enquanto que o segundo ocorria apenas durante a manhã, sendo finalizado no almoço. O objetivo dos encontros era desenvolver estudos bíblicos, e ao final alguém ficava responsável por organizar o próximo.

A participação dos integrantes era registrada em um livro de presenças. “Nós tínhamos um caderno de presença e onde se anotava a temática e o assessor. Isso é o que eu tenho conhecimento” (BECHERT, entrevista oral, 2015, p. 5). Além do livro de presenças, é possível que exista um livro de atas no qual se faziam os registros das temáticas debatidas:

Então, temos anotação dessa caminhada que tem sido feita, tem assim alguns registro, talvez a gente vai encontrar até um livro de atas desses encontros, mas por ser ainda, por ter ainda um caráter informal, esse fórum ecumênico ainda não tem assim seus registros tal como outra instituição deveria ter. Por que, por exemplo, neste ano nós nos ocupamos com o documento do Conflito a Comunhão, este documento então está redigido, mas as ações que fazemos a partir delas, desses documentos, não são assim registradas em livro (TETZNER, entrevista oral, 2015, p. 5).

O FEVT tem um caráter de realização informal, não sendo uma instituição ou organização sem ou com fins lucrativos.

Em determinado momento da década de 1990, os estudos geraram um documento intitulado 'Vida e Morte no Vale', produzido com base nos estudos. É possível perceber claramente que os encontros têm objetivos de reflexão e realização periódica, mesmo sem uma sistematização:

Em termos de temática, em algum momento se produziu também um documento, sobre vida e morte no Vale. Remete ao tema dos transgênicos e de posicionamento político por aquele momento. \penso que Vida e Morte no Vale foi o título do documento, produzido, copiado em folders. Ainda deve ter cópia deste folder no Sínodo. Então isso foi assim distribuído nas saídas das igrejas e tal. Eu sei que uma vez um vereador de Estrela passou no Sínodo, levou e me ligou e disse: "Ah, mas que interessante esse documento que vocês produziram aí, eu não sabia disso". Isto é um limite, o material que se produz fica restrito a pessoas que frequentam a igreja (BECHERT, entrevista oral, 2015, p. 6).

De acordo com a passagem, a publicação de um *folder* visava alertar a população sobre transgênicos. O material continha uma posição política sobre o tema, que teve repercussão com uma figura política.

Sobre o texto 'Vida e Morte no Vale, o pastor Gilciney Tetzner relembrou:

Cerca de doze a quinze anos atrás, este fórum produziu um documento intitulado Vida e Morte no Vale. Esse documento, ele tratava de uma, de um testemunho conjunto das duas igrejas relacionados à ressurreição. E este fórum continua se reunindo duas vezes ao ano, no primeiro e no segundo semestre, e é um tempo de estudo, documentos como do Conflito a Comunhão foram estudados nele, a Campanha da Fraternidade Ecumênica também recebe um impulso aqui no Vale a partir deste fórum ecumênico (TETZNER, entrevista oral, 2015, p. 4).

Com esse parecer, percebe-se que a reflexão do documento também continha uma característica espiritual, na qual a ressurreição era abordada. Outra questão apresentada na fala do entrevistado foi a Campanha da Fraternidade Ecumênica, realizada nas mais diversas localidades a partir de trocas entre padres e pastores, que foi fortalecida.

O pastor Marcos comentou sobre a dificuldade de organizar os encontros por conta de divisões geográficas. A IECLB tem a regionalização da igreja baseada na delimitação jurídico-administrativa do Vale do Taquari. Entretanto, para a organização da ICAR, a região fica dividida em duas dioceses diferentes:

[...] isto dificulta um pouco a participação dos padres, porque tem duas dioceses e dois planos de trabalho diferente. Eu tenho a impressão que isso dificulta até pra presença do bispo. Então em algum momento a gente teve a presença do bispo em Montenegro. Na celebração, por exemplo, em dois mil e nove, quando foi dez anos da assinatura do acordo católico-luterano que aconteceu a nível mundial sobre justificação e fé que foi o tema da discórdia da reforma. Então quando celebramos dez anos, teve a celebração que foi aqui no salão Santo Antônio, no ginásio, e aí veio o bispo de Montenegro. Mas em outro momento em Lajeado já tivemos a presença do bispo de Santa Cruz (BECHERT, entrevista oral, 2015, p. 6).

A dificuldade encontrada na organização dos encontros refletiu em alguns momentos importantes. Em 2009, na cidade de Estrela, houve uma comemoração entre católicos e luteranos para celebrar os dez anos após a assinatura do Acordo Católico-Luterano sobre Justificação e Fé, na qual abordaram o acontecimento da Reforma Protestante. O evento recebeu a presença do bispo de Montenegro. Contudo, em outro evento ocorrido em Lajeado, foi o bispo da diocese de Santa Cruz que esteve presente.

Sobre o FEVT, é interessante ressaltar a característica da amizade. O pastor Gilciney Tetzner discorreu sobre os primeiros encontros que geraram o fórum:

[...] mas além dessa instituição, tem uma coisa muito bonita que nós conhecemos como Fórum Ecumênico do Vale do Taquari, ele é formado por pastores da IECLB e pelos padres este fórum ecumênico existe há mais de 30 anos aqui no Vale do Taquari, e os pastores mais velhos, os padres que já passaram por aqui, eles nos relatam que esse fórum surgiu a partir da amizade de pastores e padres que por causa da vizinhança conviviam de maneira muito intensa, e começaram a se encontrar. Os pastores relatam que no início os padres e pastores se reuniam para jogar bocha, pra até mesmo jogar uma cartinha lá de brincadeira e pra comer um churrasco em conjunto, enfim, eram encontros de confraternização. Muito informais, marcados pela amizade entre pastores e padres. Com o passar do tempo, aumentou o número de igrejas aqui no Vale, de comunidade, aumentou o número de padres, aumentou o número de pastores, conseqüentemente esse grupo aumentou, esse fórum ecumênico. Hoje nós somos cerca de 30 pastores da

IECLB aqui no Vale e talvez um número aproximado de padres também, e nós, duas vezes por ano, nos reunimos. Os encontros não são mais tão informais quanto eram, mas eles são sempre encontros de estudos, e encontros que visam alguma ação pastoral das duas igrejas aqui no Vale (TETZNER, entrevista oral, 2015, p. 3-4).

O FEVT acontece, de acordo com o interlocutor, desde a década de 1980, se localizarmos a partir da data atual há trinta anos. Teria iniciado informalmente pela relação de amizade entre padres e pastores, e incrementado posteriormente, mas não como uma entidade oficial, servindo até hoje para possibilitar estudos conjuntos e ações pastorais da ICAR e IECLB. Nesse mesmo trecho, conseguiu-se a informação da periodicidade atual das reuniões, sendo bianuais.

O padre Nicolau comentou da sua contribuição em cursos de formação ecumênica:

[...] a diocese me convidou pra fazer um curso de ecumenismo no ITESC em Santa Catarina, Instituto de Teologia de Santa Catarina. Então durante quatro períodos de férias eu passei uma boa parte é, deste tempo, lá neste encontro sobre ecumenismo e diálogo inter-religioso (SCHNEIDER, entrevista oral, 2015, p. 2).

O Instituto de Teologia de Santa Catarina – ITESC – é o local no qual o padre Schneider participou da formação ecumênica. Pode-se concluir que o FEVT não é o único ponto de referência sobre o assunto para os padres e pastores ecumênicos do Vale do Taquari. Além de estudar sobre ecumenismo, estudou também sobre diálogo inter-religioso.

Ao longo das falas, percebeu-se que apenas a ICAR e a IECLB representadas nos encontros ecumênicos. Ao abordar essa característica bilateral, padre Nicolau comentou: “Embora tivéssemos feito várias tentativas de trazer, e convidamos, pastores, por exemplo, Adventista do Sétimo Dia, mesmo estas pentecostais, convidávamos para estes encontros, mas eles nunca aceitaram o convite, mas sempre convidamos (SCHNEIDER, entrevista oral, 2015, p. 8). Deduz-se a partir disso que apenas católicos e luteranos têm interesse em participar do FEVT.

4.1.2 Encontros pessoais de padres e pastores

O FEVT foi trazido como resultado da relação pessoal entre padres e pastores que conviviam próximos nas comunidades em que trabalham. Esse vínculo não existiu apenas na década de 1980, sendo que perdura atualmente:

[...] aqui inclusive nós normalmente em sextas-feiras nós almoçamos juntos, o pastor Cleber tem aqui também a Igreja Anglicana, a pastora, a reverenda Carmen e os padres aqui de Montenegro seguidamente às sextas-feiras, nós fazemos nossas refeições junto. Não tratando de ecumenismo, mas de convivência (SCHNEIDER, entrevista oral, 2015, p. 2).

Nessa relação pessoal, percebe-se que os laços acabaram por ampliar-se. Até o momento, tinha-se observado a relação entre católicos e luteranos, e agora percebemos, por exemplo, a presença da Igreja Anglicana do Brasil – IAB. A união de padres, pastores e luteranos acontece seguidamente na cidade de Montenegro. Em Estrela, essa familiaridade acontece de modo semelhante:

[...] entrei muito em contato com um relacionamento muito próximo com o pastor Marcos Bechert [...] que era da comunidade luterana ali de Estrela e com ele eu tive uma experiência muito bonita, muito querida, muito especial. Nós éramos de fato amigos. Eu com a família dele e vice-versa. Nós nos queríamos muito bem e tivemos uma bonita relação também de vivência de comunidade e de momentos ecumênicos (SCHNEIDER, entrevista oral, 2015, p. 2).

Constata-se o liame envolvendo as famílias do pastor Marcos Bechert e do padre Nicolau Schneider avançando nas relações de amizade.

4.1.3 Celebrações ecumênicas

Outra subcategoria identificada nas entrevistas foi de ‘celebrações ecumênicas’ efetuadas no Vale do Taquari. O padre Pedro Nicolau Schneider apontou: “[...] também aqui [Montenegro] temos, como tínhamos em Estrela, momentos de celebração de ecumenismo, de celebrações ecumênicas nas comunidades [...]” (SCHNEIDER, entrevista oral, 2015, p. 2). É possível afirmar que identifica-se as cidades de Estrela e Montenegro como lugares de ecumenismo.

O pastor Marcos Bechert trouxe a mesma informação: “[...] padre Nicolau, sim, ele de novo era bem engajado, então isso criou mais corpo de novo. Mas essa questão das orações diárias, em algum momento depois caiu fora. Não se teve fôlego pra continuar a fazer isso (BECHERT, entrevista oral, 2015, p. 2). Ele acrescenta que as celebrações aconteciam com orações diárias em determinado período, como a Semana Pela Unidade dos Cristãos:

Quando cheguei em Estrela o diálogo ecumênico não fluiu. No segundo ano, em noventa e seis, aí veio o padre Tarcísio, e então em maio, quando tinha a Semana da Unidade então já a realizamos com orações diárias. A abertura, aqui em Estrela sempre foi na luterana e o encerramento com pentecostes na católica. Mas durante toda a semana, nos primeiros anos à noite, depois de três ou quatro anos isso passou a ser pela manhã, sete horas da manhã, a gente fazia uma oração diária de 30 a 45 minutos. Depois de certo tempo os padres da Boa União também foram envolvidos e realizamos algumas cerimônias neste bairro. Depois da saída do Pa. Tarcísio tivemos um período meio instável (BECHERT, entrevista oral, 2015, p. 2).

Essas celebrações são localizadas temporalmente na década de 1990, mais precisamente no ano de 1996. O trabalho era desenvolvido pela ICAR e IECLB na cidade de Estrela. Inicialmente ocorriam à noite, e com o passar do tempo passaram a ser feitas durante as manhãs. A ICAR, em um dos eventos, foi representada por duas paróquias da cidade.

Sobre o século XXI, conhecemos uma conjuntura mais fortalecida:

Eu me lembro duma celebração de Estrela em que o pastor Gilciney na época não tinha como conseguir uma data pra nós fazer uma celebração ecumênica porque estávamos no tempo do chucrute, e pra cá e pra lá, e aí de repente na sexta-feira, na Semana da Unidade dos Cristãos, dia de Pentecostes um dia soleníssimo pra Igreja Católica, disse: “Bá! Quem sabe vamos fazer o seguinte, eu vou fechar a Igreja Santo Antônio, vou deixar alguém, vou dizer assim porque a celebração é na mesma hora, domingo de manhã, as oito e meia, vou mandar pedir pra todos os nossos católicos ir rezar no vizinho”. Dia de Pentecostes, a Igreja até pede prudência nesse sentido, mas fiz, que aconteceu, nossa comunidade foi em peso lá na comunidade evangélica. Encheu a comunidade evangélica, buscarem cadeira pra tudo que é lado. E de fato, na época, o padre hoje, padre Eduardo Hass estava comigo, então ficamos nós de dirigir a palavra. Mas sem dúvida foi uma experiência muito bonita, muito bonita. Hoje seguidamente o pastor Gilciney recorda este ato simbólico, um gesto, e é com nossa comunidade, ela tranquilamente não ficou escandalizada porque não pôde ir na missa naquele dia. Não é que a missa não seja importante, mas dentro do contexto de diálogo ecumênico por que não? Por que não fazer isso?(SCHNEIDER, entrevista oral, 2015, p. 3-4).

O relato do padre Nicolau indica um fortalecimento das celebrações ecumênicas no século atual. O acontecimento narrado acima demonstra não apenas a participação de um padre em um culto ou de um pastor em uma missa, mas a mobilidade de uma comunidade cristã para outra igreja em prol de uma celebração ecumênica. Percebemos a ação aceita e apoiada pela comunidade local:

Um dia, inclusive, o pastor da Igreja Batista, lá dá do Bairro das Indústrias me convidou para, tem uma igreja lá no alto lá, na frente da rodoviária ali, me convidou lá um dia para também falar para a comunidade dele, não me lembro mais qual foi o assunto. E foi muito bom. Um fruto um pouquinho porque quando eu via, cumprimentava e falava, ele tinha programa na rádio também. Então se encontrava. Eu convidei muitas vezes para participar dos nossos encontros. E um dia ele me convidou para uma celebração e eu fui [sorrisos]. E eu fui, e foi muito bom (SCHNEIDER, entrevista oral, 2015, p. 8).

Nesse trecho, a fala de Pedro Nicolau mostra um momento ecumênico envolvendo a ICAR e a Igreja Batista – IB. Pode-se constatar que as relações iniciam uma abertura na região, deixando de ter um caráter específico das ações de católicos e luteranos no Vale do Taquari.

É mas assim, com base na convivência que a gente tem entre pastores e padres, e o que ficam depois é o registro dessas celebrações, mas ela, esse registro vai ficar lá nas comunidades onde acontece, a comunidade vai

registrar da sua forma. Então se a gente vai olhar os registros lá da comunidade de Estrela, por exemplo, lá vai constar que houve uma celebração em 2009 da comemoração dos 10 anos da declaração conjunta da Justificação de Graça e Fé. E em outras comunidades vai constar também, por exemplo, para o próximo ano a gente vai ter a Campanha da Fraternidade Ecumênica novamente, e ali vai ficar registro de maneira informal. Aqui em Teutônia tem uma experiência muito bonita acontecendo na área do ecumenismo, que é entre as duas comunidades aqui, a comunidade evangélica de Languiru e a comunidade católica de Canabarro. O pastor Márcio Frank, e o padre Eduardo Schuster, eles se relacionam muito bem, e eles tem, durante o ano, periodicamente agendado celebrações ecumênicas. Se não me engano, duas vezes por ano, o pastor Márcio é quem faz a pregação lá na celebração da Igreja Católica, da mesma forma, duas vezes por ano, o padre Eduardo Schuster vem aqui na comunidade evangélica e faz a pregação. Então essas duas comunidades aqui na cidade de Teutônia, e nisso aí envolvida também a comunidade do bairro Alles Gut, elas tem experimentado, elas tem vivenciado o ecumenismo de uma maneira muito bonita, de uma maneira muito próxima, muito celebrativa (TETZNER, entrevista oral, 2015, p. 6).

No caminho da ampliação das relações ecumênicas, percebe-se celebrações periódicas em outra cidade. Teutônia passou a celebrar de maneira planejada. Outra característica do movimento é ressaltada na fala do pastor Gilciney quando tratou dos registros, em que se percebe que são feitos nas comunidades e não existe um mapeamento das ações. As celebrações aconteceram e acontecem, porém não são controladas por algum organismo ou pelo FEVT:

É possível fazer um histórico disso. Aqui em Teutônia é uma experiência recente. Talvez dois, três anos que eles têm tido essas experiências regulares de celebrações ecumênicas. Na cidade de Estrela, há uma tradição já, de se fazer periodicamente celebrações ecumênicas. Lá, as duas comunidades, por terem uma trajetória que as une, que as faz trabalhar em conjunto aprenderam a celebrar em conjunto. [...] Então aqui em Teutônia tem uma experiência recente que tá dando muito certo, a comunidade de Estrela tem uma tradição em celebrações ecumênicas, a cidade de Lajeado ela não tem assim um grande histórico de proximidade entre a comunidade luterana e a comunidade católica por “n” motivos (TETZNER, entrevista oral, 2015, p. 6).

Ao se tentar localizar algumas cidades, percebe-se que o processo de realização de celebrações ecumênicas não é homogêneo em todos os municípios. A cidade de Estrela é apresentada como lugar no qual há uma ‘tradição’ ecumênica, enquanto que em Teutônia a prática está no início. Por outro lado, na cidade de Lajeado o diálogo não é muito trabalhado.

Alguns eventos protagonizados pela figura do líder religioso (padre ou pastor) em conjunto com a comunidade apareceram em uma fala:

Mas teve também momentos assim, que, por exemplo, por ocasiões de solenidades maiores, aniversários, celebração, a gente era convidado pra participar; me lembro que um dia nós fomos um dia lá em Lajeado numa sessão solene da Igreja Luterana. Era acho que cento e cinquenta anos, uma coisa assim. Foi fora do dia, então nós da comunidade católica de Estrela, nós fomos entre, acho que umas trinta pessoas naquela solenidade pra uma coisa bonita assim, lá em Lajeado, para ter uma presença bonita, ecumênica, junto com aquela comunidade que estavam celebrando uma data muito importante (SCHNEIDER, entrevista oral, 2015, p. 4).

O padre Nicolau citou uma visita sua e de membros da comunidade católica em que foram prestigiar uma comemoração na IECLB na cidade de Lajeado. Quanto à cidade de Montenegro, verifica-se um processo de fortalecimento da caminhada ecumênica:

Já acontecia antes, só que nós incrementamos um pouquinho mais, nós fizemos não reunir por dizer que estamos na semana ecumênica e deu. Então, nós na verdade, nós marcamos quatro celebrações ao longo do ano. Onde, então, ao longo do ano nós celebramos a Semana Ecumênica. Então esses momentos são muito interessantes e inclusive agora incluímos mais uma comunidade que fica aqui perto que era pastora Carmen, lá de Santos Reis e então me chamou atenção que muita gente da nossa comunidade aqui, Católica, um dia de chuva de noite foram lá pros Santos Reis, pro interior, para esse momento ecumênico e depois lá, inclusive depois a pastora Loreine, nos ofereceu uma galinhada [risada]. Então é acho que essas coisas naturais a gente tem que ir ao encontro do outro sem pretensão (SCHNEIDER, entrevista oral, 2015, p. 2).

Depreende-se que estão passando por uma sistematização das ações, definindo a periodicidade. Além disso, apostaram em um movimento da comunidade, não apenas no diálogo entre padres e pastores. É interessante notar que em Montenegro há o protagonismo de uma mulher. A pastora Loreine foi a única mulher nomeada e, portanto, reconhecida como líder religiosa durante a investigação.

4.1.4 Diálogos bilaterais

A quarta subcategoria das relações entre as igrejas é do diálogo bilateral. A maior parte da análise foi centrada nas relações entre ICAR e IECLB, por conta da amplidão das suas ações conjuntas. Contudo, como é possível perceber em alguns momentos, as relações ecumênicas não se limitam apenas entre elas.

Outro diálogo bilateral no Vale do Taquari se dá entre a Igreja Evangélica Luterana do Brasil e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – diálogo IELB-IECLB. “há um movimento luterano-luterano, da IELB e da IECLB. Não é um movimento muito forte, mas pelo menos em Lajeado, no dia da Reforma há sempre um culto conjunto entre as duas igrejas luteranas” (BECHERT, entrevista oral, 2015, p. 4). Esse contato se dá na cidade de Lajeado, mas com pouco impulso.

Lembra-se aqui ainda do diálogo entre ICAR e IAB, na cidade de Montenegro, realizada por padre Pedro Nicolau Schneider, e com o mesmo padre, entre ICAR e IB em Estrela.

4.2 Diálogo e sociedade

A segunda categoria analisada nesse trabalho foi a dimensão do diálogo das igrejas com a sociedade, de uma comunidade cristã com outra comunidade cristã, e da presença conjunta de padres e pastores na criação e inauguração de instituições da comunidade, bem como suas lideranças.

4.2.1 Igreja e Comunidade

Na fala dos entrevistados, a comunidade ou as comunidades aparecem como protagonistas ecumênicas:

Na região do Vale do Taquari tem muitas coisas bonitas. Em Estrela também tem coisas muito boas, uma delas é o próprio Chucrute. Ali aquelas danças a comunidade luterana, metade, mais da metade dos participantes são católicos, e convivem tranquilamente, participam da comunidade, cada um na sua, de vez em quando se misturam. Estrela vê seguidamente via lá por exemplo missa de sétimo dia que é própria da comunidade católica. [...] as vezes os próprios luteranos vinham pedir uma missa e vinha na nossa missa que celebrava então. São coisas simples, bonitas que dão entender essa beleza de que é melhor se unir do que se estranhar [sorriso] (SCHNEIDER, entrevista oral, 2015, p. 5).

O primeiro caso corresponde ao Grupo de Danças Folclóricas da cidade de Estrela, no qual os fiéis compartilham dos espaços e festividades em conjunto, de forma ecumênica. O segundo caso mostra fiéis que tomam atitudes ecumênicas, nesse relato, em relação à morte de um ente. Sobre a primeira disposição apresentada por Pedro, o pastor Marcos Bechert também relata:

Falo de pessoas que frequentam as festas uns dos outros, falo dos churrasqueiros que são os mesmos tanto na comunidade católica como na luterana de Novo Paraíso, por exemplo. Quer dizer, quando padres e pastores realizam um diálogo ecumênico e isto é noticiado, isso dá suporte pra prática e pró diálogo local (BECHERT, entrevista oral, 2015, p. 4).

O pastor acredita que as ações ecumênicas entre padres e pastores refletem nas atitudes da comunidade. Os fiéis colaboram entre si, católicos com luteranos e vice-versa, de maneira festiva.

Esse cenário, contudo, não deixa de ter a presença dos líderes religiosos. “A comunidade evangélica, por exemplo, tem os grupos folclóricos, são cerca de quatrocentos dançarinos, uma grande parte deles são da comunidade católica. [...] eles convidam para que venha o pastor e o padre” (TETZNER, entrevista oral, 2015, p. 6). As pessoas de igrejas diferentes convivem e colaboram umas com as outras, solicitando a presença de padre e pastor.

4.2.2 As instituições da comunidade e lideranças

Algumas entidades e instituições foram citadas como ecumênicas. “O que eu me recordo agora é da Vovolândia São Pedro, as duas igrejas de Estrela ali se envolveram para formar e até hoje estão empenhadas em manter essa instituição que acolhe cerca de 70 idoso diariamente” (TETZNER, entrevista oral, 2015, p. 3). Identifica-se que as igrejas ICAR e IECLB trabalham em prol da terceira idade de forma conjunta.

O testemunho conjunto de ambas igrejas é mais antigo do que o retrato das celebrações:

Na cidade de Estrela, por exemplo, nós temos a Vovolândia São Pedro, ela surgiu há um pouco mais de 25 anos, como uma iniciativa conjunta das duas igrejas, da Igreja Luterana e da Igreja Católica, e ainda hoje, embora seja uma fundação, o conselho da Vovolândia é formado, aliás, é indicado por pessoas, pela comunidade católica e pela comunidade luterana (TETZNER, entrevista oral, 2015, p. 3).

Constata-se que as duas instituições trabalhavam em conjunto para colaborar com a comunidade desde a década de 1980, e A Vovolândia São Pedro é um exemplo disso. Alguns eventos protagonizados pela figura do líder religioso (padre ou pastor) em conjunto com a comunidade apareceram em uma fala:

Mas teve também momentos assim, que, por exemplo, por ocasiões de solenidades maiores, aniversários, celebração, a gente era convidado pra participar; me lembro que um dia nós fomos um dia lá em Lajeado numa sessão solene da Igreja Luterana. Era acho que cento e cinquenta anos, uma coisa assim. Foi fora do dia, então nós da comunidade católica de Estrela, nós fomos entre, acho que umas trinta pessoas naquela solenidade pra uma coisa bonita assim, lá em Lajeado, para ter uma presença bonita, ecumênica, junto com aquela comunidade que estavam celebrando uma data muito importante (SCHNEIDER, entrevista oral, 2015, p. 4).

Padre Nicolau citou uma visita sua e de membros da comunidade católica a uma comemoração na IECLB na cidade de Lajeado. Outra instituição comunitária é apresentada:

Bom, vamos citar a própria Univates. O surgimento da Univates lá no passado, ela tem a participação muito ativa das duas igrejas, e inclusive, ainda hoje, o conselho da Univates tem representantes da Igreja Católica e tem representantes da Igreja Luterana. Então a Univates, ela surge num contexto onde as duas igrejas deram uma imensa colaboração para o seu surgimento, e essa colaboração se dá ainda hoje, à medida que pessoas indicadas pelas igrejas participam do conselho da universidade, isso é uma lembrança que veio agora (TETZNER, entrevista oral, 2015, p. 4).

O Centro Universitário UNIVATES, que iniciou sua existência na década de 1960, é considerado pelo pastor Gilciney Tetzner como tendo influência de ações ecumênicas, em razão do testemunho conjunto de católicos e luteranos para a sua fundação.

Um organismo ecumênico foi criado recentemente na cidade de Lajeado.

Um bom exemplo desses novos organismos ecumênicos, ou dessa nova forma de praticar ecumenismo, é o CICLA, esse Conselho de Igrejas Cristãs de Lajeado. Ele não é mais ali, entre Igreja Católica e IECLB, mas ele está envolvendo igrejas pentecostais que querem dialogar no ecumenismo (TETZNER, entrevista oral, 2015, p. 9).

O Conselho de Igrejas Cristãs de Lajeado – CICLA – é um organismo recente que surgiu na região. Ele abrange outras instituições para além da tradicional relação entre ICAR e IECLB.

Algumas entidades ampliaram os tipos de ações. “Já o CEBI tem uma organização regional, mesmo aqui na região eu fiz assessoria de cursos bíblicos em Lajeado em Arroio do Meio e Canabarro” (BECHERT, entrevista oral, 2015, p. 3). O Centro de Estudos Bíblicos – CEBI – desenvolveu cursos de leitura popular da Bíblia em diálogo com irmãs católicas da cidade de Arroio do Meio.

Esse evento em específico nos trás duas outras características. A primeira é a presença de mulheres no movimento ecumênico, com o trabalho conjunto de irmãs católicas com o pastor Marcos Bechert, na cidade de Lajeado. O segundo é a formação de leigos para a compreensão da Bíblia por meio da leitura popular.

Outra maneira do CEBI atuar na região é anterior à presença do pastor Bechert:

Teve uma época que o CEBI tinha regionais em todo o Rio Grande do Sul e também houve uma coordenação aqui. Houve aqui pessoas que tinham essa responsabilidade e que tinham alguns encontros a nível estadual, que se reuniam pra fazer relatos, trazer novos impulsos também pra região. Mas nesse momento eu não tenho ciência de que isso existe ainda. Acho que isso perdeu um pouco de força (BECHERT, entrevista oral, 2015, p. 5).

O organismo realizava encontros nos quais as pessoas poderiam fazer a troca de experiências. Aconteciam, por isso, encontros estaduais organizados pelo CEBI, que levavam pessoas da região. O pastor Bechert lembrou de uma junção de pastores que aconteceu a nível municipal, em Estrela.

A nível regional não me lembro, mas há assim alguns movimentos a nível municipal. Em Estrela há um movimento de pastores evangélicos, do qual me afastei. Numa reunião houve muita presunção e me afastei. Quando uns querem ser mais que os outros, então não dá pra fazer alguma coisa em conjunto (BECHERT, entrevista oral, 2015, p. 4).

A tentativa de dialogar não animou o pastor, que assim mesmo deixou o registro desse grupo, que buscava reivindicar em conjunto um cemitério para evangélicos.

Algumas pessoas tomaram a frente no que tange ao diálogo ecumênico na região. Muitas foram citadas ao longo das entrevistas:

Então tem por exemplo, o padre, o pastor Irineu do Beija Flor; esse é um cara, ele já tem [estalando os dedos], ele deve ter trinta, quarenta anos lá na região. Então ele é um dos que tá no Fórum Ecumênico do Vale do Taquari. Ele participou desde que começaram esses encontros, Pastor Irineu lá do Beija

Flor. Outro que também tem uma longa história na região lá foi o pastor Marcos (SCHNEIDER, entrevista oral, 2015, p. 5).

O padre Nicolau citou três nomes como referências regionais que protagonizaram o ecumenismo: pastor Irineu, da comunidade Beija Flor; pastor Marcos Bechert e o bispo emérito Dom Sinésio Bohn:

E sem dúvida, uma grande figura é, um ícone dentro, inclusive ele acompanhou toda essa história do Vaticano II, e era responsável sempre também aqui no Brasil, no Sul do Brasil do diálogo ecumênico é o Dom Sinésio Bohn, de Santa Cruz. Esta eu diria assim, o Irno, Irineu, pastor Irineu do Beija Flor e Dom Sinésio, eles poderão te dar vários nomes e uma série de coisas que eles podem te colaborar e o Dom Sinésio sobre tudo porque ele acompanhou todo este processo do Vaticano II e ele era responsável também dos fundadores do CONIC aqui em Porto Alegre (SCHNEIDER, entrevista oral, 2015, p. 5-6).

Dom Sinésio Bohn foi bispo na diocese de Santa Cruz por determinado tempo, e em sua caminhada, foi um representante católico do ecumenismo. Pastor Marcos também apresentou lideranças:

[...] uma pessoa que sempre foi muito empolgado com o ecumenismo foi o antecessor do sínodo, que era o pastor Erno, ele agora é aposentado, mora em Panambi. Talvez eu pudesse te dar o telefone, você estabelecer um contato telefônico com ele, porque ele pode então lembrar de antes dessa época de noventa e seis pois ele tava em Imigrante. Desde oitenta e nove quando eu fui pra Santa Maria ele foi pra Imigrante, e quando eu cheguei aqui ele era muito empolgado com essa questão do ecumenismo e talvez ele vá lembrar alguma coisa disso, tem alguma anotação (BECHERT, entrevista oral, 2015, p. 5-6).

Pastor Erno, que atuou em Imigrante, foi apresentado como uma liderança mais antiga do movimento ecumênico no Vale do Taquari. Uma pessoa leiga foi apresentada como protagonista de ações ecumênicas. “[...] a outra pessoa leiga envolvida é aquela pessoa que citei de Canabarro, que vendia o material do CEBI. Não lembro o nome da pessoa, mora perto da rodoviária” (BECHERT, entrevista oral, 2015, p. 8-9).

4.3 Interfaces do ecumenismo

A última categoria analisada compreende temas que foram abordados de forma transversal nas interlocuções. O diálogo inter-religioso, a teologia da libertação e opiniões ganharam espaço nesse capítulo.

4.3.1 Diálogo Inter-religioso

O diálogo inter-religioso foi um dos temas que perpassou as entrevistas. A relação dos cristãos com outras confissões de fé foi interpretada pelo padre Nicolau. “O diálogo inter-religioso ele está relacionado também com os que creem diferente. Por exemplo todo essa questão da Umbanda [...]. Então toda, tudo e tantos outros, esses outros movimentos religiosos que existem” (SCHNEIDER, entrevista oral, 2015, p. 3). Para ele, é possível acontecer quando as pessoas têm interesse:

Essa relação com o inter-religioso, ela depende muito dos cabeça que tão na região [risada]. Ela depende muito, das pessoas que estão ali na casa de concreto de Estrela, [...]. Então, estas cabeças quando estão abertas, então se faz coisas muito bonitas (SCHNEIDER, entrevista oral, 2015, p. 3).

Na fala, percebe-se que para que o diálogo inter-religioso aconteça, é necessário que os líderes tenham interesse. Aqueles que assumem as igrejas precisam tomar a frente para acontecer. Na opinião do pastor Gilciney, esse tipo de aproximação não ganhou corpo no Vale do Taquari:

Eu acho que em ações ecumênicas, propriamente ditas, propostas para dentro da sociedade ou em instituições talvez a gente não tenha conseguido trabalhar com pessoas de outras religiões. Isso ficou mais ao cargo da experiência ecumênica. Nem sempre a experiência ecumênica foi ou é bilateral, ou seja, só entre luteranos e católicos. Eu sei que a Igreja Católica tem várias frentes de diálogo bilateral e tem algumas frentes de diálogo também múltiplas, conselhos onde vários participam. Então em termos de ações eu não me recordo aqui que um conselho inter-religioso tenha

proposto, tenha realizado algo assim no nosso Vale ou até mesmo a nível de Brasil também não tenho certeza. Mas quando nós falamos em ecumenismo, então eu acho que o ecumenismo, ele trás embutido em si o diálogo inter-religioso, a capacidade de dialogar com aqueles que tem a sua religião que não é como a religião cristã. Porque também não vamos, acho que não vale dizer assim: "não nós não queremos dialogar com o diferente, mas só até aqui". Então nas cidades maiores é muito comum que exista grupos de diálogo inter-religioso. Talvez em Porto Alegre e coisa assim a gente vá até identificar, talvez existam projetos inter-religiosos que eu infelizmente não tenha conhecimento, mas aqui no Vale eu não me recordo de algum (TETZNER, entrevista oral, 2015, p. 8).

A reflexão do entrevistado aproxima bastante o diálogo ecumênico do inter-religioso. Definir limites para dialogar com o diferente não seria coerente. De qualquer forma, não foi criado algum organismo ou grupo que ficasse responsável especificamente para o assunto.

De acordo com o pastor Marcos, o FEVT não se relacionou com o diálogo inter-religioso:

Mas isso não chegou a conectar com esse diálogo de padres e pastores aqui. [...] O diálogo interreligioso é mais difícil pros luteranos do que pros católicos. E não posso dizer assim que o diálogo interreligioso tenha sido uma fonte de preocupação nossa aqui. Não foi pauta (BECHERT, entrevista oral, 2015, p. 7).

Complementa comparando a ICAR com a IECLB nesse assunto, entendendo que a segunda tem embaraço quanto ao diálogo inter-religioso. Outro ponto a ser ressaltado é a dimensão do ensino religioso:

O diálogo inter-religioso tem sido pauta da dinâmica do ensino religioso. Quer dizer, além do diálogo entre padres e pastores, tem o movimento da PASUNE, e o diálogo do ensino religioso pois cada igreja tem seu representante na CRE. [...] O Pastor Oscar de Conventos faz parte do CONER do RS. Ele também tem se envolvido na formatação do curso para a formação de professores de ensino religioso na Univates (BECHERT, entrevista oral, 2015, p. 7).

O diálogo inter-religioso é abordado na região por meio do Conselho Nacional de Ensino Religioso – CONER –, que atua na 3ª Coordenadoria Regional de Educação

– CRE –, em Estrela. A temática não ganhou corpo de discussões no FEVT, mas se apresentou através do ensino.

4.3.2 Teologia da Libertação

A Teologia da Libertação foi a segunda temática transversal nas interlocuções:

Bom! Eu diria o seguinte, na Igreja Católica na verdade é uma grande guarda-chuva [sorrisos]. Debaixo da mesma guarda-chuva, ela acolhe muitas correntes, pensamentos e movimentos diferentes. Um deles é também todo esse pessoal ligado a esta Teologia da Libertação. Mas também ao mesmo tempo acolhe, por exemplo, a renovação carismática, que é um jeito de viver a fé mais intimista, não tanto socialmente. Então são maneiras diferentes, mas são pessoas que estão aí com diferentes modos de pensamento. Mas assim, no Vale do Taquari que tem pessoas mais libertadoras ou menos libertadoras, eu não vejo muita, hoje este movimento, hoje ele tá praticamente, as preocupações são outras, hoje, as preocupações do mundo hoje são outras, hoje existe uma grande preocupação sobre a relativização dos valores. Toda essa questão do gênero que você deve estar acompanhando, discutindo na faculdade (SCHNEIDER, entrevista oral, 2015, p. 7).

Conforme visto acima, distingue-se que há uma série de correntes dentro da própria ICAR, sendo a Teologia da Libertação mais uma das vertentes do ‘grande guarda-chuva’ no âmbito regional do Vale. As preocupações atualmente estariam voltadas às questões de gênero. Entretanto, a fala do pastor Marcos Bechert relativiza a opinião do padre Nicolau:

Então, naquele momento, penso que houve uma convergência, que fez com que a gente olhasse juntos o estudo da Bíblia. Talvez cabe dizer que nesse âmbito, tive a possibilidade de participar do Interclesial das Comunidades de Base que aconteceu em Santa Maria justamente em noventa e sete e depois eu fui também pra Ilhéus no ano dois mil, e dois mil e quatro para São Luís do Maranhão. Inclusive pra Ilhéus e São Luís do Maranhão eu era convidado como representante das igrejas evangélicas a participar das reuniões preparatórias. Esse movimento dos intereclesiais é um movimento que mexe muito com a base, não vinculado a instituição da igreja, onde a teologia da libertação vira prática. E agora continuando a responder a tua pergunta, eu tenho a impressão assim que até hoje as pessoas que participam do movimento ecumênico, do diálogo entre padres e pastores, tem em sua

maioria simpatia para uma teologia voltada pra realidade. Talvez hoje quase não se fala mais em Teologia da Libertação. Penso que hoje há um movimento forte nas duas igrejas que já não tem tanto simpatia pela teologia da libertação. Estes se encontram em outro nível de diálogo. Em algumas cidades pastores se organizam e formam uma associação (BECHERT, entrevista oral, 2015, p. 8).

O entrevistado acredita que os padres e pastores que dialogam de modo ecumênico simpatizam de alguma maneira com a Teologia da Libertação. Com o trecho, arrisca-se dizer que o próprio pastor Marcos é simpatizante dessa linha de pensamento, principalmente por conta dos cursos nos quais participou.

Na mesma linha de interpretação, o bispo Dom Sinésio afirmou:

O ecumenismo se compromete com o Evangelho. O Evangelho se compromete com os direitos das pessoas, com o bem-estar das pessoas, por tanto também com os pobres. E faz parte da opção pelo Evangelho. Nesse sentido, a Teologia da Libertação enquanto ela defendia o direito dos pobres ela empolgava, ela tinha bastante proximidade ecumênica (BONH, entrevista oral, 2015, p. 10).

O excerto nos leva a perceber semelhança ao que foi dito pelo pastor Marcos. Contudo, a fala de Dom Sinésio não remete à região da qual tratamos, mas reflete sobre a relação do ecumenismo com a Teologia da Libertação de maneira generalizada.

4.3.3 Através de opiniões e observações

Algumas opiniões pessoais foram expressas ao longo das conversas. Optou-se por criar uma categoria que desse visibilidade para algumas dessas observações. O pastor Gilciney apontou possíveis motivos para o ecumenismo no Vale do Taquari ter se restringido tanto à ICAR e à IECLB:

Aqui no Vale tem cento e cinquenta anos um pouquinho mais, cento e sessenta anos de colonização. E desses cento e cinquenta anos, por mais de cem anos, existiam aqui apenas a Igreja Católica e a Igreja Luterana. O pentecostalismo, ele vem com mais força pra cá justamente a partir dos anos setenta e o pentecostalismo, ele surgiu, no início, sempre com pequenas congregações muitas vezes lá na periferia das cidades, onde as nossas igrejas não tinham uma atuação tão forte. Então ele surge como uma coisa sectária, uma coisa à parte daquilo que é tradicional da cidade. Em parte, talvez não tinham interesse de fazer parte, em parte talvez não fosse aceito como igreja legítima nas nossas cidades. Então com o pentecostalismo, assim não houve uma experiência ecumênica aqui no Vale do Taquari na história recente e também a gente não tem aqui a presença de outras igrejas como presbiteriana, anglicana, entre outras. A gente tem aqui ainda a outra igreja luterana, a IELB, que surgiu a partir de missionários americanos enviados para o Brasil. Mas essa é uma igreja que não é muito aberta ao ecumenismo. Algumas experiências em alguns lugares são muito positivas, mas de modo geral eles não participam muito do ecumenismo. De modo então que restaram para propor e para caminhar em conjunto aqui no Vale para praticar o ecumenismo a Igreja Católica e a IECLB (TETZNER, entrevista oral, 2015, p. 8-9).

O pensamento busca, no processo histórico da região, compreender a bilateralidade. Determinando um tempo de surgimento de igrejas pentecostais e localizando-as geograficamente, compreendeu que o diálogo não foi viabilizado. Assim como o diálogo com a IELB se restringe à IECLB em função da não abertura ao ecumenismo por parte daquela, enquanto outras religiões não existiam no Vale ou vieram recentemente.

O pastor Marcos mencionou uma preocupação sua:

Eu talvez poderia dizer que infelizmente vejo que o movimento do ecumenismo no Vale do Taquari está a reboque do movimento ecumênico mundial, não tá devagar. Não tá estagnado, mas tá numa desaceleração. Tá dando passos pequenos. Eu lamento isso. Uma série de conjecturas que acontecem. A própria Igreja Católica tá reinterpretando o que já falou em relação, por exemplo, à hospitalidade eucarística. Tínhamos um documento, inclusive tem um documento assinado por bispos e pastores sinodais do Brasil que está publicado num livro, fruto de um Seminário Nacional sob o título de "Hospitalidade Eucarística", onde tem uma série de artigos que dizem o seguinte: como luterano, se eu vou numa igreja católica e se o padre convida, então eu posso celebrar ceia, posso tomar a ceia. Já a mesa eucarística da IECLB, é aberta pra congrega também pessoas de outras igrejas. Então é um entendimento diferente sobre o assunto. Ultimamente ouvi um discurso diferente sobre o assunto e isto preocupa. Isso foi um baque muito grande pra mim. Cito um exemplo: quando foi a despedida do padre Tarcício aqui, minha esposa e eu fomos também na missa e quando foi no momento da ceia, ele me convidou, a mim e a minha esposa pra tomar ceia com ele lá na frente. Isto foi um momento muito significativo. Um testemunho

público muito significativo. E daí isso, quer dizer, se agora nós estamos dando um passo pra trás, isso eu sinto muito. Estar juntos para celebrar momentos públicos é muito positivo e isto vai bem. A reunião de padres e pastores, já contava com mais empolgação, mas continua a existir (BECHERT, entrevista oral, 2015, p. 8-9).

A inquietação expressada pelo pastor remete ao dado no qual o ecumenismo no Vale do Taquari dependeu da consolidação em âmbito nacional para se desenvolver na região. Da mesma maneira, não ganhou formato específico de forma regional, apenas no caso da cidade de Estrela, que foi considerada como detentora de uma tradição ecumênica desde a década de 1990, envolvendo a comunidade:

Pois é, então, da PASUNE nem falei. Quer dizer, esse é um movimento ecumênico interessante, pois envolve jovens e envolve uma parte mais prática. Acho que também para vocês é bom saber que tem um guarda-chuva onde os movimentos ecumênicos encontram um espaço para abrigo e registro. Assim como o diálogo que acontece entre os leigos na Comunidade Católica e Comunidade Evangélica de Novo Paraíso, o diálogo católico-luterano entre padres e pastores no Vale do Taquari, o ensino religioso interconfessional e outros. A nível este guarda-chuva é o Diálogo católico-luterano, cujas comissões reúnem-se a cada semestres e promove seminários para bispos e pastores sinodais. Mas tudo encontro abrigo mesmo sob o CONIC (BECHERT, entrevista oral, 2015, p. 9).

A PASUNE foi apresentada pelo pastor Marcos como um dos elementos do ecumenismo no Vale do Taquari, caracterizada pela ação dos jovens.

5 CONCLUSÃO

O ecumenismo no Vale do Taquari apresentou-se em um período tardio. Iniciou quando o movimento no Brasil estava consolidado com a criação do CONIC e as igrejas cristãs tinham metodologias estruturadas para a realização do diálogo. Observa-se que inicia ao final do século XX e culmina suas ações na região no início do século XXI, principalmente na cidade de Estrela.

Conseguiu-se perceber o movimento ecumênico no Vale de três maneiras principais. A primeira se dá por meio da relação de uma igreja com outra. Isso ocorre a partir das reuniões do FEVT, dos encontros pessoais de padres e pastores, de celebrações ecumênicas e dos diálogos bilaterais das igrejas.

O segundo modo é o diálogo com a sociedade, que acontece quando a comunidade apoia as ações dos seus líderes religiosos em conjunto com o líder de outra comunidade, ou quando as comunidades respaldam as festividades umas das outras. Também se apresenta no testemunho conjunto de padres e pastores para a criação de instituições voltadas para o aproveitamento da comunidade.

A terceira maneira de atuação do ecumenismo no Vale ocorre por meio de suas interfaces, sendo que podemos pontuar o diálogo inter-religioso, a teologia da libertação e a PASUNE. É possível também ressaltar o diálogo que acontece na 3ª Coordenadoria Regional de Educação, quando padres e pastores se reúnem para discutir o Ensino Religioso, transcorrendo os domínios da educação.

Para responder a problematização da pesquisa apresentou-se através do item 4.1 as instituições, movimentos e lideranças locais relacionadas ao ecumenismo e as suas ações. É importante salientar que os entrevistados são considerados líderes do movimento ecumênico na região. No capítulo 2 foi apresentada a concepção de ecumenismo para as lideranças do Vale do Taquari. Além disso, foi possível perceber o impacto do movimento a partir das décadas de 1980, 1990 e início dos anos 2000 a partir dos efeitos nas comunidades, por exemplo, com a Vovolândia e o Chucrute na cidade de Estrela.

Compreende-se que este trabalho apresentou os primeiros escritos sobre o tema na abordagem da história regional para o Vale do Taquari. Assim, os resultados não definem o movimento ecumênico na região, apenas dão indícios para o desenvolvimento de pesquisas mais aprofundadas.

A partir das entrevistas analisadas, algumas facetas podem ser sugeridas como possibilidade de pesquisa dentro da temática. Sendo os pastores casados e amigos de padres, é possível conhecer o olhar das esposas dos pastores. É possível ainda identificar presidentas das comunidades, quando das celebrações ecumênicas estiveram presentes no púlpito junto a padres e pastores. Um terceiro indício do protagonismo das mulheres é a presença de uma pastora em Montenegro e das irmãs católicas de Arroio do Meio, que desenvolveram cursos de leitura popular da Bíblia.

Outro olhar diferenciado a ser explorado é o dos fiéis que estiveram presentes em celebrações ecumênicas, bem como das pessoas que guiaram a comunidade a outras igrejas quando tais eventos ocorreram. De modo semelhante, é possível entrevistar membros do Grupo de Danças Folclóricas da cidade de Estrela, que é composto por cristãos luteranos e católicos. Sem esquecer, há ainda o representante do CECA na cidade de Teutônia, que desenvolveu estudos bíblicos.

Uma última possibilidade de investigação latente pode surgir da análise da participação de padres e pastores em instituições da comunidade, como a Vovolândia, em Estrela, e a Univates, em Lajeado. É possível complementar ainda com a realização de entrevistas com mais integrantes do FEVT, além de analisar os documentos que registram suas atividades.

Por fim, registra-se que o texto ora finalizado constitui uma das múltiplas versões sobre a temática. As sugestões para futuras pesquisas indicadas ao fim mostram que existem outras possibilidades de análise. Espera-se que este trabalho tenha contribuído no registro da memória do movimento ecumênico no Vale do Taquari e com pesquisas vindouras.

REFERÊNCIAS

1 Livros, Artigos e Sites

ACM. **História da ACM no Mundo**. Disponível em: <http://www.acm-rs.com.br/portal/mateus>. Acesso em: 20 nov. 2015.

ALTMANN, Walter. 60 anos do Conselho Mundial de Igrejas: marcas de um rio vivo. IN: **60º Aniversário de Organização do Conselho Mundial de Igrejas**. Ano 3 – nº 12, setembro de 2008. Disponível em: http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=238&cod_boletim=13&tipo=Artigo. Acesso em: 23 de nov. 2015.

AQUINO-JUNIOR, Francisco de. A Igreja Católica e o Movimento Ecumênico: na celebração dos 50 anos de abertura do Concílio Vaticano II. In: **Vida pastoral**, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.vidapastoral.com.br/ano/2012/a-igreja-catolica-e-o-movimento-ecumenico-na-celebracao-dos-50-anos-de-abertura-do-concilio-vaticano-ii/>. Acesso em: 23 nov. 2015.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História: Especialidade e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Publicações Europa-América: Mem Martins, 1984.

BRAKEMEIER, Gottfried. **Preservando la unidade del Espítitu en el vínculo de la paz: Un curso de ecumenismo**. 2008.

BUENO, Cleuza Maria de Oliveira. **Entre-Vista: Espaço de construção subjetiva**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. 141p.

CAPRINI, Aldieris Braz Amorim. Pesquisa em História Regional: aspectos conceituais e metodológicos. In: **III Simpósio ILB: Itinerários da Pesquisa Histórica: Métodos, Fontes e Campos Temáticos**. 2010. Disponível em: http://www.ilb.ufop.br/index.php?option=com_content&task=view&id=12&Itemid=17. Acesso em: 02 dez. 2015.

CLAIBRASIL. **Quem Somos**. Disponível em: <<http://www.claibrasil.org.br/quem-somos>>. Acesso em: 02 dez. 2015.

CONIC. **Comissões**. Disponível em: <http://www.conic.org.br/portal/comissoes>. Acesso em: 26 nov. 2015.

DIAS, Agemir de Carvalho. O movimento ecumênico no Brasil contemporâneo 1980-2000. In: **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, v. 54, nº 1, p.140-152, jan./jun. 2014. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/viewFile/1485/1781. Acesso em: 02 dez. 2015.

DREHER, Martin Norberto. **História do Povo de Jesus: uma leitura latino-americana**. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

EGGERS, Tuane. Pasune: prática social no contexto universitário. In: **UNIVATES: Lajeado/RS**, 2012. Disponível em: <https://www.univates.br/noticias/8700-pasune-pratica-social-no-contexto-universitario>. Acesso em: 9 nov, 2015.

FALEIRO, Silvana Rossetti. **Lendo memórias: 40 anos de Ensino Superior no Vale do Taquari e a construção do regional – História da Univates**. Lajeado: Ed. da Univates, 2009.

FE BRASIL. **Ecumenismo, Direitos Humanos e Paz: A experiência do Fórum Ecumênico Brasil**. Rio de Janeiro: KOINONIA, 2006.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e Memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Universidade Federal de Passo Fundo, 1998.

FERNÁNDEZ, Sandra R. Los estudios de historia regional y local: de la base territorial a la perspectiva teórico-metodológica. In: FERNÁNDEZ, Sandra. **Más Allá Del Territorio: la historia regional y local como problema. Discusiones, balances y proyecciones – 1ª Ed.** Rosario: Prohistoria Ediciones, 2007.

FUMEC. **Historia**. 2015. Disponível em: <http://www.fumec-alc.org/historia/>. Acesso em: 20 de nov. 2015.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversa sobre Iniciação à Pesquisa Científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007, 96 p. (4ª Edição)

HERMANN, Jacqueline. História das Religiões e Religiosidades. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

HORTAL, S.J. Jesus. **E haverá um só rebanho: história, doutrina e prática do ecumenismo**. São Paulo: Edições Loyola, 1996. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?id=IYglYX6FdRoC&pg=PA176&lpg=PA176&dq=Associa%C3%A7%C3%A3o+Crist%C3%A3+de+Mo%C3%A7os+e+Mo%C3%A7as+Inglaterra+Ecumenismo&source=bl&ots=Fg6RuxEVLS&sig=FExJzCRwyLc2veykKJJ6NTM8&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiS8_rctJ_JAhVCrJAKHQtQBxwQ6AEIOTAE#v=onepage&q=Associa%C3%A7%C3%A3o%20Crist%C3%A3%20de%20Mo%C3%A7os%20e%20Mo%C3%A7as%20Inglaterra%20Ecumenismo&f=false. Acesso em: 20 de nov. 2015.

INDEPENDENTE. Jovens Proporcionam debates sobre temas atuais da diversidade religiosas junto ao universo acadêmica. In: **Grupo Independente**: Lajeado/Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <<http://www.independente.com.br/jovens-proporcionam-debates-sobre-temas-atuais-da-diversidade-religiosas-junto-ao-universo-academico.html>>. Acesso em: 9 nov. 2015.

INDEPENDENTE. Facilitadora da Reju solicitou a prisão preventiva do suspeito. In: **Grupo Independente**: Lajeado/RS, 2015. Disponível em: <https://www.univates.br/noticias/8700-pasune-pratica-social-no-contexto-universitario>. Acesso em: 9 nov. 2015.

JARAMILLO, Victor Liza. Protagonismo Jovem. In: **FUMEC-ALC**: Buenos Aires/Argentina, 2012. Disponível em: <http://www.fumec-alc.org/categoria/pasune/>. Acesso em: 9 nov. 2015.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. 5ª Ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LE GOFF, Jacques. Prefácio. In: Bloch, Marc. **Introdução à História**. Edição revista, aumentada e criticada por Étienne Bloch. Portugal: Edições Europa-América, 1997.

LIPOVETSKY, Gilles. **Metamorfoses da cultura liberal**. Porto Alegre: Sulina, 2004, p. 19-88.

MATOS, Alderi Souza. **O Protestantismo Brasileiro no Período Republicano**. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/7071.98.html>. Acesso em: 20 de nov. 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MENDONÇA, Antonio Gouvea. O Movimento Ecumênico no Século XX – algumas observação sobre suas origens e contradições. In: **Tempo e Presença**. Ano 3, nº 12, setembro de 2008. Disponível em: http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=236&cod_boletim=13&tipo=Artigo. Acesso em: 20 de nov. 2015.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. 2 ed. rev. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.- 224 p – (Coleção educação em ciências).

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. In: **Ciência&Educação**, v.12, n.1, p. 117-128, 2006.

NAVARRO, Juan Bosch. **Para Compreender o Ecumenismo**. São Paulo: Edições Loyola, 1995. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=9CxiDFOrl8AC&pg=PA121&lpg=PA121&dq=Federa%C3%A7%C3%A3o+Mundial+de+Estudantes+Crist%C3%A3os&source=bl&ots=vJoxmHsNq-&sig=hZUWCiBz2184TYYN1VAqfDmuSCk&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjn_9aJuJ_JAhUHJpAKHblOC6QQ6AEILDAD#v=onepage&q=Federa%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20de%20Estudantes%20Crist%C3%A3os&f=false. Acesso em: 20 de nov. 2015.

O INFORMATIVO DO VALE. Univates exhibe documentário sobre uso de agrotóxicos no Brasil. In: **O Informativo do Vale**: Lajeado/RS, 2012. Disponível em: <http://www.informativo.com.br/site/noticia/visualizar/id/19744/?Univates-exibe-documentario-sobre-uso-de-agrotoxicos-no-Brasil.html>. Acesso em: 9 nov 2015.

PASUNE. **Quem somos**. PASUNE: Estrela, 2015. Disponível em: http://pasune-rs.blogspot.com.br/p/quem-somos_30.htm. Acesso em: 5 nov. 2015.

PETRI D. (org.). **O discurso oral culto**. 2ª ed. São Paulo: Humanita Publicações – FFLCH/USP, 1999 – (Projetos Paralelos. V.2) 224p.

REJU. **O que é a Rede Ecumênica da Juventude (REJU)?** REJU: São Paulo, 2015. Disponível em: <http://reju.org.br/page/sobre-a-rede-ecumenica-da-juventude/>. Acesso em: 5 nov. 2015.

REJU. **Eixos de atuação**. REJU: São Paulo, 2015. Disponível em: <http://reju.org.br/page/eixos-de-atuacao/>. Acesso em: 5 nov. 2015.

REJU. **REJU Rio Grande do Sul**. REJU: São Paulo, 2015. Disponível em: <http://reju.org.br/page/reju-rio-grande-do-sul/>. Acesso em: 5 nov. 2015.

SIMONETTA, Leonardo C. Tras las huellas de lo local y lo regional: notas críticas y tendencias de la análisis en la historiografía argentina. **História da Historiografia**. Ouro Preto, nº 03, setembro, 2009, 161-166.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**: História Oral. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

WIKIPEDIA. **Aliança Evangélica Mundial**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Alian%C3%A7a_Evang%C3%A9lica_Mundial. Acesso em: 20 nov. 2015.

WOLFF, Elias. **Caminhos do Ecumenismo no Brasil**: história, teologia, pastoral. São Paulo: Paulus, 2002. – (Coleção comunidade e missão)

WOLFF, Elias. Igrejas e Ecumenismo: uma relação identitária. In: **Estudos Teológicos**: São Leopoldo, RS: EST, 2005. Disponível em: http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4502_2005/et2005-2b_ewolff.pdf. Acesso em: 17 out. 2015.

2 Fontes orais – entrevistas transcritas

BECHERT, Marcos. Depoimento oral. Estrela, 12 de setembro de 2015.

BOHN, Aloísio Sinésio. Depoimento oral. Lajeado, 21 de agosto de 2015.

SCHNEIDER, Pedro Nicolau. Depoimento oral. Montenegro, 08 de agosto de 2015.

TETZNER, Gilciney. Depoimento oral. Teutônia, 28 de agosto de 2015.

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO DE CESSÃO DE INFORMAÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso está sendo realizado como atividade do Curso de História do Centro Universitário Univates, semestre 2015/B e tem como objetivo pesquisar o processo histórico do ecumenismo no Vale do Taquari/RS. A coleta de dados será feita mediante a realização de entrevistas, de acordo com o propósito especificado acima.

Pelo presente Termo de Consentimento, declara o(a) entrevistado(a) _____ sua concordância em participar da pesquisa, após ser informado da justificativa e dos propósitos do trabalho, bem como dos procedimentos relacionados ao momento da entrevista. Nesse sentido, a assinatura do presente Termo de Consentimento implica a cessão de uso das informações coletadas para fins acadêmicos e a sua permanência nas dependências da aluna Inauã Weirich Ribeiro.

Este termo será assinado em duas vias, sendo que uma ficará com o(a) entrevistado(a) e a outra, com a entrevistadora.

Os responsáveis pela pesquisa são a professora Silvana Rossetti Faleiro –professorado Curso de História da Univates– (fone 51 3714 7000, ramal 5508) e a acadêmica Inauã Weirich Ribeiro do Curso de História da Univates – (fone 51 99463650).

Lajeado, __ de _____ de 2015,

Assinatura do entrevistado (a)